

PONKAN

**publicação independente
memórias e processos manuais**

fernanda myamoto

PONKAN

publicação independente, memórias e processos manuais

UFRJ | Centro De Letras e Artes (CLA)
Escola de Belas Artes (EBA)
Departamento De Comunicação Visual | BAV

Projeto e monografia de graduação em Comunicação Visual Design | 2020.1

Orientadora: Nair de Paula Soares

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

RESUMO

MYAMOTO, Fernanda. **PONKAN. publicação independente, memórias e processos manuais.**

Trabalho de Conclusão de Curso

(Graduação em Comunicação Visual - Design)

Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 2020.

Publicação independente biográfica, desenvolvida através de processos manuais distintos, a fim de investigar e compreender as relações e limitações dessas técnicas. O projeto busca analisar o cenário da produção artesanal brasileira, potencializando sua relação com o design. Busca-se também, compreender o processo editorial da publicação independente quando relacionado ao artesanal. A narrativa desenvolvida para realização desse projeto, reúne memórias através de cartas, fotos e relatos pessoais.

Palavras-chave: processos manuais, publicação independente, editorial, afeto.

ABSTRACT

MYAMOTO, Fernanda. **PONKAN. publicação independente, memórias e processos manuais.**

Trabalho de Conclusão de Curso

(Graduação em Comunicação Visual - Design)

Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 2020.

Independent biographical publication, developed through different manual processes, to investigate and understand the relationships and limitations of these techniques. The project seeks to analyze the scenario of Brazilian artisanal production, enhancing its relationship with design. It also aims to understand the editorial process of independent publication when related to artisanal. The narrative developed to carry out this project brings together memories through letters, photos, and personal reports.

Keywords: manual processes, independent publication, editorial, affection.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a protagonista desse projeto, minha Batian Julia Satie Miyamoto. Minha pessoa no mundo, meu Coração.

Minha Mãe Gladys Sayuri Miyamoto, que me ensinou sobre sonhos, voos altos e coragem.

Jean Lucca Myamoto, meu melhor amigo. Meu irmão.

Minhas irmãs, Mahiz Rigotti e Juliana Araujo. Extensão de mim.

Aos meus padrinhos, Jorge Kimura e Tuguhe Kimura, pelo cuidado e presença.

A minha Tia Rose Yagamuti, por me ajudar a apertar os pontos desse trabalho.

A minha madrinha Adryane Araujo, pelo afeto de sempre.

A Ni e Alécio, por serem meus irmãos mais velhos. A Mario Tomohiro e Rose Yamaguti, por me emprestarem o colo como se fossem meus padrinhos. A Tia Marilda e Tia Rúbia, pelo carinho nos processos manuais. A toda a minha família, que torceu tanto por mim nesse sonho de Rio de Janeiro.

Ao meu companheiro, Henrique Araujo. Obrigada por não soltar da minha mão.

A Tia Cely e Klara, pela casa e peito aberto quando cheguei no Rio.

A minha poeira da mesma estrela, Caroline Soares.

A Juliana Misumi, um dos meus maiores presentes de UFRJ.

A Fabiana Carvalho pela presença de sempre mesmo que longe.

Gabriela De Laurentis, Mateus Ribeiro, Arthur Reis, Guilherme Machado, Tude Andrade, Cosmo, Damião, Francisco, Carlos, Monami, Caio Corcini, Beatriz Munaretto, Rafael Tazima, Nathália Koga, June Caldas, pela amizade e apoio.

A minha orientadora Nair de Paula Soares, pelo cuidado em acreditar no meu potencial, pela paciência e olhar atento aos meus processos. Por despertar em mim grandiosidades.

A todos os professores incríveis que compartilharam tanto. A todos os servidores, e trabalhadores terceirizados que fazem a UFRJ funcionar em meio a planos de sucateamento da educação. Muito obrigada.

A todos os meus antepassados, minhas gerações passadas, meus laços afetivos que trilharam um caminho afetuoso e honesto para que eu chegasse até aqui.

A todos os artesãos que reescrevem histórias, costuram memórias, perpetuam afetos, com o carinho nas mãos.



27/12/1941 - 25/11/2019

Dedico esse trabalho de conclusão,
a minha Batian Julia Satie Miyamoto.

INTRODUÇÃO	9
1 MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE	12
1.1 Imigração e Dekassegui	11
1.1.1 Experiências e Relatos	13
1.2 De geração em geração	16
2 MANUALIDADES	19
2.1 Artesanato e Design	20
2.1.1 Artesanato Brasileiro	23
2.1.2 Artesanato Japonês	26
3 PUBLICAÇÃO INDEPENDENTE	29
3.1 Editorial e independente	30
3.2 Técnicas, suportes e formato	31
3.3 Feiras e público	32
4 REFERÊNCIAS	33
5 PROJETO GRÁFICO	37
5.1 Relatos	39
5.2 Técnicas, suporte e formato	44
6 RESULTADO FINAL	66

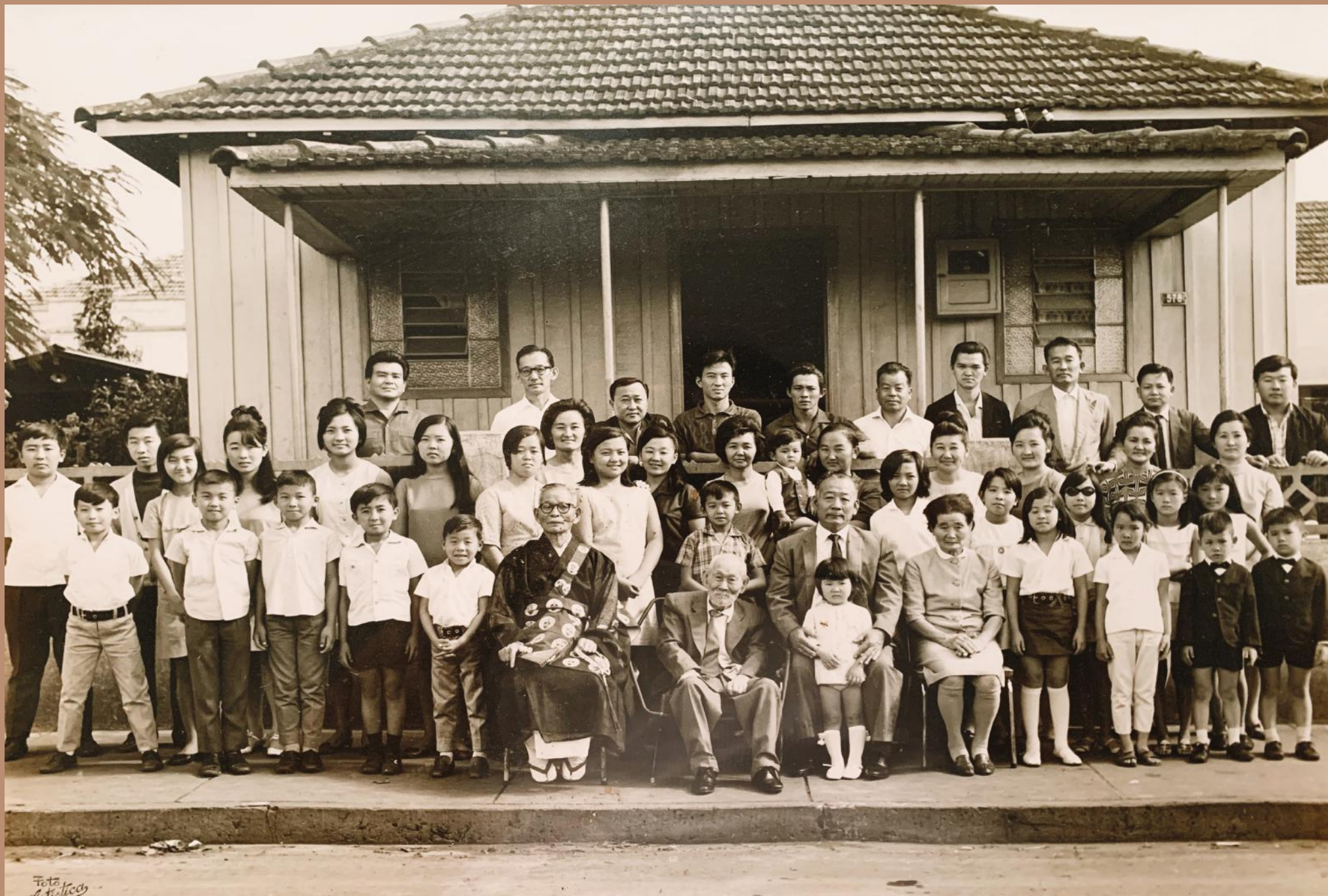


Foto
A. H. Nicby

INTRODUÇÃO

Nasci em uma família oriental, por parte de mãe, todos descendentes de japoneses. É necessário voltar quatro gerações para encontrar os responsáveis por trilhar o nosso caminho até aqui. Culturalmente, os japoneses geralmente alimentam um laço invisível muito potente entre o presente e o passado. É natural que eu saiba o ano em que os meus tataravós entraram em um navio, atravessando oceanos para chegar até aqui. Nesse laço invisível, quem apertou o nó com lições diárias, deixando essas memórias sempre frescas, foi minha avó materna, minha Batian, Julia Satie Miyamoto.

Dia 25 de novembro de 2019, minha Batian Julia faleceu repentinamente. Eu não lembro exatamente de todo o velório, porque do que vivi naquele dia, o luto se deu o trabalho de apagar a maior parte. Mas algo que não me falha a memória nunca, foram as incontáveis vezes que segurei e olhei para as mãos já geladas da minha Batian. O rosto desenhado por flores em torno, corado por maquiagem - mas ainda assim pálido - , os lábios inchados de algodão, não representavam mais a existência dela. Mas as mãos, as mãos eram pintadas de manchas do tempo, os dedos grossos e inchados, a pele macia, as unhas redondas. As mesmas mãos que descascavam baldes de ponkans para mim, quando criança. E que depois seguiam em direção ao meu rosto, estampando com carinhos o cheiro da fruta em minhas bochechas.

Ponkan não é um uma narrativa com começo, meio e fim. Não descreve o meu luto, não contempla o contraste entre vida e morte, tampouco representa a tristeza. Uma vez costureira, e outra acupunturista, Julia Satie Miyamoto percorreu nesses 77 anos, um caminho muitas vezes árduo, mas nunca só. O projeto reúne memórias afetivas costuradas pelas mãos de muitos, todos esses que vieram antes dela, todos os que ela mesma criou e todos os que vieram depois. Muito além de uma homenagem, esse trabalho de conclusão conta sobre coisas que vão embora, mas vivem para sempre.



1. memória e ancestralidade

1.1

IMIGRAÇÃO E DEKASSEGUI

A definição do termo japonês dekassegui significa “trabalhar fora de casa”. Inicialmente, ela era utilizada para representar trabalhadores japoneses que migravam dentro do próprio país, em busca de melhores ofertas de trabalhos. Considerando a época de inverno rigoroso em algumas regiões do Japão, o trabalho no campo era interrompido temporariamente. No início do século 20, eram também denominados dekasseguis, os japoneses que saíam de seu país com os mesmos objetivos de trabalho, porém com a intenção de algum dia voltar ao seu país de origem.

No início da década de 80, surge no Brasil um grande movimento de brasileiros descendentes de japoneses, que buscam oportunidades melhores de qualidade de vida e trabalho no Japão. Influenciados pela crise econômica, baixos salários e ofertas de emprego, os chamados nikkeis, são contratados para serviços com mão de obra barata e não qualificada, mas que ainda comparados ao Brasil, o salário é considerado alto.



Essas funções são representadas pelo termo dos “Cinco K”, sendo eles: Kitanai, Kiken, Kitsui, Kibishii e Kirai. Respectivamente, significam sujo, perigoso, penoso, exigente e detestável.

Os Cinco K alimentaram por muito tempo uma percepção pejorativa e preconceituosa em dois extremos. Os brasileiros que optavam por sair de seu país e aceitavam as condições de trabalhos no Japão como imigrantes, eram hostilizados pelos descendentes que aqui ficavam, sendo vistos como uma vergonha para a honra de imigrantes de suas gerações passadas. Quando cruzavam o oceano, a xenofobia atravessava todo e qualquer traço comum da história. Descendentes não eram japoneses. Nem pelos seus traços em comum, nem mesmo pelo tom da pele amarelada, muito menos por fazerem parte de uma geração que retorna depois de muito tempo, a mesma terra que seus ancestrais sonhavam em algum dia voltar.



JULIA COMO DEKASSEGUI NO JAPÃO, COM AMIGAS DO TRABALHO E NA LINHA DE PRODUÇÃO DE “BENTÔS” (MARMITAS). 1995.

“PRIMEIRO DOS ANTEPASSADOS, DOS QUAIS NÃO POSSO JAMAIS ESQUECER, MAS SIM, AGRADECER SEMPRE POR SEREM DE BOA ÍNDOLE, TRABALHADORES E MUITO DECENTES.”
(Retirado de diário pessoal de Julia S. Miyamoto, 2017).

A devoção aos antepassados, transcende os princípios do budismo. Esse que em toda a sua prece, contempla não apenas as graças recebidas por uma entidade maior, mas também agradece imensamente gerações que trilharam arduamente seus destinos, abrindo caminhos e transformando sacrifícios, em oportunidades. A imigração reforçou essa gratidão nos descendentes, observando toda a renúncia desses imigrantes ao deixarem seu país, para fincarem suas raízes em um contraste cultural tão distinto.

Com o aumento da imigração, em 1990 o Japão promulga a Lei de Controle e Imigração, direcionando seus interesses em mão de obra sobre nikkeis da América do Sul. O governo justificou sua preferência, declarando a importância da afinidade cultural e adaptação desses estrangeiros no país.

“AQUI EU SOU JAPONESA, NÃO BRASILEIRA. MAS QUANDO PISEI NO JAPÃO, NINGUÉM ME ENXERGOU COMO JAPONESA, E SIM COMO ESTRANGEIRA. ME SINTO DE LUGAR NENHUM.”
(Fala de Julia, em um diálogo sobre xenofobia e preconceito).

O sentimento de não pertencimento, abraça gerações de descendentes. As características em comum, não são suficientes para que o indivíduo se sinta acolhido de um lado. E as distintas, o anulam em outro. Em muitos casos também, ainda que culturalmente os imigrantes japoneses buscassem alimentar as memórias e raízes culturais em sua vivência, ocorreram sim apagamentos da história durante esse processo da imigração.

Meu tataravô, Hiroshi Yamaguti, trouxe na bagagem apenas sua língua nativa ao chegar no porto de Santos.

Acompanhado de muitos outros navios de imigrantes, com espanhóis, italianos, chineses, tailandeses etc. Tendo dificuldade na pronúncia de seu nome, brasileiros o batizaram de Primo Hiroshi.

1.1.1

EXPERIÊNCIAS E RELATOS

Através de relatos pessoais de Julia, cartas recebidas e enviadas entre Brasil e Japão, e entrevistas realizadas com entes queridos, é possível realizar um importante recorte de prós e contras na experiência de pessoas próximas como dekassegui.

Julia prestou serviço em diversos seguimentos, trabalhando como dekassegui no Japão. Desde uma linha de produção preparando marmita, os chamados “bentôs”, até como cuidadora de idosos. A equidade salarial é uma das adversidades que se desdobram até os dias atuais. Ainda que ocupando cargos semelhantes na mesma seção, realizando o mesmo serviço, oferecendo o mesmo rendimento de produção e lucro, homens ganham mais do que mulheres.

O Japão estampa a controvérsia em ser um dos melhores países para se viver, possuindo um avanço tecnológico absurdo, juntamente a uma realidade misógina e machista. Também é possível compreender que, ainda que os salários fossem significativos para determinadas funções, o custo de vida demandava boa porcentagem dele. É necessário todos os gastos mensais anotados na ponta do lápis, para que ao chegar o fim do mês, o imigrante dekassegui consiga sua reserva para voltar ao Brasil.

Com as redes sociais, vídeos chamadas e mensagens que atravessam continentes em milésimos de segundos, hoje é possível amenizar a saudade entre quem fica e quem vai, de tantas formas. Entretanto, há 25 anos atrás, se comunicar através de telefonemas era financeiramente inviável e a internet ainda estava no processo em se tornar discada. A solução eram as cartas enviadas e recebidas com um intervalo de um mês. Cada linha estampava uma

saudade dolorida, carregada de incertezas com a falta de previsão para retorno ao Brasil. Eram comuns fotos reveladas e recortes de jornais e revistas com notícias de semanas atrás.

Representando um território significativamente pequeno, e sendo ele 85% ocupado por regiões montanhosas, o Japão não possui um grande espaço físico para investir em agropecuária, muito menos em diversificar no plantio de alimentos. Seu principal foco nessa produção, é o arroz. Esse fato encarece a carne bovina e frutos, pois é necessário a importação de todos esses alimentos vindos de outros países. Tanto há 25 anos atrás, como atualmente, é comum encontrar frutas comuns no Brasil, como manga, abacaxi, limão etc, sendo vendidas em mercados no Japão com valores exorbitantes de até cinco vezes mais do que os valores daqui.

A seguir, dois relatos de familiares que foram dekasseguis no Japão, expondo a realidade da vida como imigrante, prós e contras desse desafio e a saudade.



CARTA ENVIADA DE MAURICIO AZUMA, AFILHADO NO DE JULIA. ELE CONTA AS NOVIDADES E ENVIA IMPRESSO SEU CONVITE DE CASAMENTO NO BRASIL. 1994.

RELATO DE MAURÍCIO AZUMA, AFILHADO DE JULIA.

“Já fui dekassegui no início dos anos 90. Fui ao Japão quando ainda se iniciava o processo contrário dos nossos antepassados quando vieram ao Brasil.

Como dekassegui trabalhei em duas empresas, a primeira era uma fábrica que fornecia peças para máquina copiadoras, onde eu ficava em umas prensas gigantescas que realizavam cortes em chapas metálicas, trabalho bem difícil. O segundo trabalho era o trabalho em uma fundição de alumínio que fabricava motores automotivos, também não era fácil, mas mais tranquilo que o primeiro, daria para ficar uns 10 anos tranquilamente nesse emprego.

Em relação ao tratamento, não me senti hostilizado como havia muitos relatos na época, pelo contrário, me senti muito bem tratado pelos japoneses, tanto nas duas empresas, quanto na cidade que morei. Inclusive tinha até amigos japoneses que convivíamos e realizávamos atividades como viagens e confraternizações.

Quanto aos pontos positivos, acho que foi uma experiência incrível, pois fui ao Japão enquanto estava cursando a faculdade. Então conhecer outras culturas e lugares, assim como viver em um país tão diferente e tão longe do nosso Brasil, foi muito importante para minha formação na vida.

Apesar de ser nipo-descendente, encontrei um Japão transformado, bem diferente do que meus avós e pais descreviam, sob um olhar nostálgico e tradicionalista. Foi ótimo viver num país que valoriza a sua cultura, organização, pontualidade, limpeza, honestidade e tantos pontos positivos que poderiam ser incorporados em nosso modo de vida.

A parte ruim é que ficamos longe de nossos entes queridos, neste caso, apenas a minha mãe tinha ficado no Brasil, enquanto pai e irmãos estavam todos como dekasseguis. Atualmente temos os meios de comunicação por meio de computadores e smartphones que permitem uma comunicação mais fácil e mais acessíveis, mas nos anos em que morei gastava-se uma fortuna em telefonemas internacionais em telefones públicos ou havia a opção de se escrever cartas, que demoravam quase um mês entre o despacho e recebimento.

De todo modo, os pontos positivos superaram muito os negativos, até consegui manter um namoro por carta e telefonema com a atual esposa. Só fiquei em dúvida se isso foi positivo para ela pelo menos...”

RELATO DE WALTER AZUMA, SOBRINHO DE JULIA.

“Fui para o Japão em julho de 1990, por intermédio da Ká, que fez todos os contatos e as papeladas necessárias, fui uns dos primeiros da família a tentar a “sorte”.

Meu primeiro emprego foi em uma auto peças, pinturas automotivas, também fazia pinturas de painéis elétricos (aquelas de fazer “Gohan”). Mas antes de tudo, fizeram um teste comigo e com o meu irmão Hideki (in memoriam) no qual nos deram duas foices para aparar a grama da fábrica do tamanho em um campo de futebol, no sol de 40°, sem água e sem banheiro. mas deu tudo certo e após isso nos informaram que estávamos aptos a encarar qualquer tipo de serviço, e assim começou a jornada.

GOHAN É O TÍPICO
ARROZ JAPONÊS,
SENDO COZIDO
APENAS NA ÁGUA,
SEM QUALQUER
ADIÇÃO DE TEMPERO.

GAIJIN EM JAPONÊS
SIGNIFICA ESTRANGEIRO.
TERMO UTILIZADO PELOS
JAPONESES PARA
DENOMINAR BRASILEIROS.

Depois disso fui para uma fábrica de fundição, trabalhava 12 horas, uma semana no turno da manhã e outra no turno da noite, (yakin e hirokin) apesar do ambiente de 52° e cercado de 2 fornos de 800° cada, o salário compensava todo o esforço.

Depois de 2 anos retornei ao Brasil para fazer alguns investimentos, retornando ao Japão fui trabalhar com linha de montagem de aparelhos eletrônicos, depois fui trabalhar no porto, soldador de cascos de navios, operador de guindaste e quando estava decidido a voltar pro Brasil, me aventurei a fazer pesca em alto mar, retornando após 2 meses, voltei a trabalhar no cais e fazia bicos na Disneyland, enfim em janeiro de 1995 voltei para o Brasil de vez.”

Foi hostilizado por ser estrangeiro?

“Sim, sempre tem alguém que se acha melhor ou superior que os outros né? Isso acontece também no Japão, foi com uma vizinha nossa, um ato de xenofobia extrema (estranho né, aqui no Brasil somos japoneses, no Japão somos “gaijin”) mas com o tempo ela se acostumou conosco e no final já éramos até amigos.

Foi muito bom, a independência financeira, as conquistas materiais, a qualidade de vida, a educação a liberdade, a cultura, os pontos turísticos, as amizades e a superação.

Os pontos negativos também foram muitos, a saudade da família (naquele tempo não tinha essa tecnologia de hoje whatsapp, chamada de vídeo, redes sociais) nos correspondíamos por cartas, o telefonema além da ligação ser onerosa, tinha que andar 3 km para o o telefone mais perto, sem contar o fuso.

A perda de entes queridos é algo que nos deixa arra-

sados. Não concluir o ensino superior, faz uma falta enorme também. A distância pode destruir paixões e amizades. Depois de 6 meses no Japão, mandei o meu pagamento do mês inteiro para meus pais \$3000,00 (três mil dólares), meu pai nunca havia visto tanto dinheiro de uma vez.

O salário mínimo na época era de mais ou menos uns 70 dólares, então passado um tempo todos foram todos para o “Nihon”, ficando somente a minha mãe no Brasil, por causa dos programas de TV da qual ela tinha contrato e era a fiel braço direito da Mafalda. Mas isso não a impediu que fosse passar as férias conosco.

Mas houve um fato triste nessa época, o meu tio Mitsuo (Tô) acabou falecendo no Japão nesse período e a minha mãe teve que trazê-lo de volta as cinzas dentro de uma urna. Houve um tempo em que ficamos em um número grande de parentes no Japão.

Meu pai e minha irmã assim que retornaram do Japão para o Brasil, mais preciso no dia seguinte a chegada, veio a falecer a nossa Batian. Foram as duas perdas irreparáveis que sofremos nesse período.”

NIHON EM JAPONÊS
SIGNIFICA JAPÃO.

2.2

DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

A linha invisível que costura as gerações de mulheres da minha família, reúne os traços físicos, os costumes, as crenças e manifestos. Fui criada pela minha mãe Gladys Miyamoto e minha Batian Julia, e seus ensinamentos transcendem uma ancestralidade potente de mulheres que vieram antes delas. Através dessa troca e bagagem afetiva, encontro os processos manuais como reforço dos pontos dessa trama.

Minha Bisavó materna, Mitsuyo Yamaguti, reunia retalhos e os costurava à mão criando colchas e capas de almofadas. A costura manual não é uniforme e exata como o acabamento de máquinas de costura. Com retalhos que não obedeciam tamanhos, estampas e padrões específicos, cada projeto carrega uma identidade única. As criações remetem a técnica do “patchwork”, esse sendo um trabalho que também reúne retalhos de tecidos, criando ilustrações através de diferentes padrões e formas, porém é baseado em técnicas mais específicas de realização e acabamento.

Minha Batian Julia, se envolveu com processos manuais de muitas formas. Inicialmente, foi costureira produzindo roupas por encomenda, atendendo um público geral. Encontrou na costura uma forma de conquistar e consolidar sua independência financeira. Pegava ônibus semanalmente em direção a cidades vizinhas, para comprar tecidos a preços mais baixos e revender para lojas e costureiras.

Além disso, na mesma época, com uma filha adolescente que almejava seguir as tendências de moda e não tendo dinheiro para compras as peças de grife, começou a costurar modelos semelhantes a essas marcas

que ditavam as tendências do momento. Como forma de economizar, também costurou roupas para si própria e alguns familiares. Herdei algumas de suas criações e também fui agraciada com peças idealizadas para mim. Meu primeiro contato com máquinas de costuras, foi através da Bá. Nas madrugadas a dentro, minha mãe Gladys Miyamoto se dedicou incessantemente ao bordado ponto cruz. Essa sendo uma técnica que reúnem pontos em formato de “X”, formando desenhos. Quando eu e meu irmão éramos crianças, minha mãe nos proporcionou educação em escolas particulares e comida na mesa, através do bordado.

Em 2014 sonhei em estudar Comunicação Visual Design na Escola de Belas Artes da UFRJ. Em setembro de 2015 sai de Londrina, minha cidade natal no norte do Paraná, para mudar para o Rio de Janeiro e realizar minha vida acadêmica aqui. Entre prós e contras dessa mudança, um dos maiores contras era o custo de vida exorbitante. Para economizar com cadernos de desenho e com alguma afinidade em processos manuais, aprendi sozinha encadernação e comecei a produzir alguns para uso próprio.

APESAR DE TER SE DEDICADO A COSTURA DURANTE ALGUM TEMPO, A ACUPUNTURA FOI A SUA MAIOR PAIXÃO COMO PROFISSÃO



Mitsuyo Yamaguti (bisavó)



Julia Satie Miyamoto (avó)



Gladys Sayuri Miyamoto (mãe)



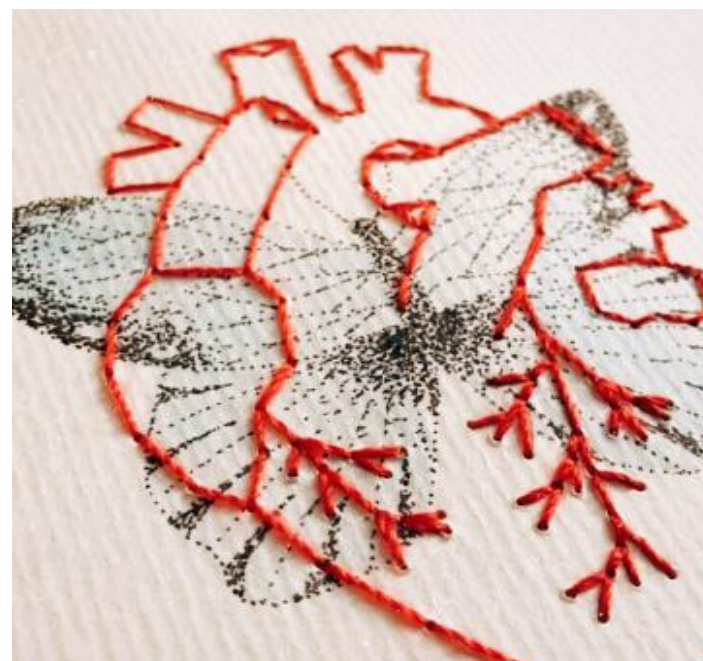
Fernanda Myamoto

Desenvolvi experimentos criando cadernos em formato A5, com miolo em papel ofício na cor marfim e capa craft com bordado manual, utilizando linhas de crochê. Publiquei os experimentos que deram certo nas redes sociais e tive um retorno muito positivo. Um público de pessoas se interessaram em comprar os cadernos. A partir disso, enxerguei uma forma de ter uma renda extra, para ajudar nos meus custos como estudante no Rio.

O NOME ALMA E FLOR É UMA HOMENAGEM A MITSUYO, JULIA E GLADYS. BUSQUEI PALAVRAS QUE REPRESENTASSEM PARA MIM, ESSA MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE.

No segundo semestre de 2016, carregando todo esse legado das mulheres que me trouxeram até aqui, a ideia sai do papel e se materializa, nasce a Alma e Flor, que posteriormente se transforma em Almaflor. Uma empresa que oferece encadernação artesanal, bordado e ilustração. Comecei com os cadernos envolvendo encadernação e bordado artesanal, vendendo para pessoas próximas.

Logo os pedidos foram alcançando diferentes partes do Brasil, percorrendo do norte ao sul do país. Com o passar dos anos, iniciei experimentos com diversas técnicas, materiais e formatos, desenvolvendo maior variedade dos produtos, alcançando públicos e seguimentos diferentes. Quadros decorativos com ilustração e bordado, planners com miolos e bordados personalizados, convites de casamento, ilustrações exclusivas em nanquim, aquarela e grafite.



CADERNO BORDADO À MÃO, COM CAPA PAPEL KRAFT 300GR E MIOLO PAPEL OFÍCIO 90GR EM COR MARFIM.

ILUSTRAÇÃO EM CANETA NANQUIM 005, COM A TÉCNICA PONTILHISMO, EM AQUARELA E BORDADO MANUAL. PAPEL 300GR.

Completando 3 anos de empresa, elaborei a oficina de bordado em papel, dividindo-a em três módulos:

- . Módulo 1: para iniciantes com técnicas primárias do bordado em papel
- . Módulo 2: para um público com algum conhecimento em processos manuais, com técnicas mais complexas
- . Módulo 3: envolvendo bordado em papel e pedraria.



OFICINA DE BORDADO EM PAPEL EM SP, MÓDULO 1. OUTUBRO DE 2019.

Conciliando os estudos, a empresa e as oficinas, conquistei minha renda, pagando parte considerável dos meus gastos como estudante no Rio. A Almaflor e as oficinas continuam crescendo e sendo meu trabalho. As vendas ocorrem pelo Instagram, não temos loja física, porém participamos de lojas colaborativas em Fortaleza no Ceará e no Rio de Janeiro.

2. manualidades

2.1

ARTESANATO E DESIGN

Para compreender a relação do artesanato ao design, suas limitações e significados, é necessário buscar definições distintas antes de qualquer tentativa de correlacionar os dois. Esse projeto não tem como objetivo, traçar tais conceitos que definam fronteiras e que limitem suas técnicas, considerando que os dois, percorrem caminhos que se ramificam de forma potente, em diferentes áreas do fazer.

“PRODUTOS ARTESANAIS SÃO AQUELES PRODUZIDOS POR ARTESÃOS, TANTO DE FORMA COMPLETAMENTE MANUAL QUANDO COM AJUDA DE FERRAMENTAS MANUAIS, OU MESMO MECÂNICAS, DESDE QUE MANTIDA A CONTRIBUIÇÃO MANUAL DIRETO DO ARTESÃO COMO A MAIS SIGNIFICATIVA PARA O RESULTADO FINAL DO PRODUTO. A NATUREZA ESPECIAL DOS PRODUTOS ARTESANAIS DERIVA DE SUAS CARACTERÍSTICAS DISTINTIVAS, QUE PODEM SER UTILITÁRIAS, ESTÉTICAS, ARTÍSTICAS, DECORATIVAS, FUNCIONAIS, TRADICIONAIS, RELIGIOSAS E SOCIALMENTE SIMBÓLICAS E SIGNIFICATIVAS.”
UNESCO, 1997.

As definições de artesanato hora abrangem a diversidade de seus processos, hora são contempladas por um tom até mesmo pejorativo. No dicionário brasileiro, é possível encontrar a palavra artesanato como “que é feito através de meios rudimentares, às vezes sem qualquer método; que apresenta feitura grosseira.” O contraste desses conceitos, estampam a perspectiva preconceituosa brasileira sobre o trabalho artesanal, muitas vezes ignorando a respeitável bagagem cultural que todo esse processo carrega, produzido por um povo composto majoritariamente por mulheres artesãs e muitas vezes, suburbanas.

O artesanato brasileiro estampa não só tantas técnicas

manuais, que exigem paciência e habilidade, mas também contam histórias. Compartilha realidades de mulheres que se reúnem para a criação desse enredo, de famílias que alimentam e transmitem esse conhecimento entre gerações. Não é comum que essa atividade seja aplicada em um meio acadêmico, sendo o oposto de escolas e faculdades de outros países. Essas que aplicam esses conhecimentos o intitulado de craft, estimulando o artista ou artesão a exercitarem o autoconhecimento, aproximando o resultado mais a arte do que ao design.

Aqui no Brasil, o fazer manual sofre uma grande ruptura, a partir da colonização. Com a chegada dos portugueses, e a busca incessante por desenvolvimento industrial, esses processos começam a ser substituídos por ideais de lucro e capitalismo. Considerando a produção, os métodos artesanais não alimentam uma cadeia produtiva de alta demanda, resultando na limitação de aumento e ganho desses lucros.

Em 1995, é criado o Programa de Artesanato Brasileiro (PAB), pelo Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. O intuito é organizar projetos que auxiliem artesãos, desenvolvendo seus produtos e empresas, transformando seu trabalho em renda.

“UM IMPORTANTE APRENDIZADO É A DELICADEZA COM QUE SE DEVE TRATAR CADA ARTESÃO QUANDO UMA CRIAÇÃO DELE ESTÁ EM JOGO. NÃO CABE AOS DESIGNERS CONVIDADOS INTERVIR NUMA COMUNIDADE DE ARTESÃOS OU ESTABELECE O QUE É FEIO OU BONITO, MESMO QUANDO NÃO CONCORDAM COM O PADRÃO ESTÉTICO EM QUESTÃO. NESSA DELICADA RELAÇÃO, SÓ QUANDO SE É CAPAZ DE REFORMULAR E DEMOCRATIZAR O PRÓPRIO OLHAR É QUE SE ODE INFLUIR NO OLHAR DO OUTRO.”

ARTESANATO SUSTENTÁVEL:
NATUREZA, DESIGN E ARTE.
MÔNICA CARVALHO. PG. 24.

DEFINIÇÃO DE ARTESANATO,
PELA UNESCO. 1997.

Quando o designer se une ao artesão, ocorre uma preciosa troca de conhecimento entre os dois. Se nesse processo, acontece um respeito mútuo pelo olhar do outro, é possível que o trabalho desenvolva grandemente. O auxílio do designer pode oferecer novas oportunidades e olhares do artesão a seu produto, criando melhores acabamentos e aperfeiçoando suas características voltando a tendências do mercado. A realização de técnicas e habilidades com essas experiências, são dominadas pelo artesão.

Exemplificando esse respeitoso processo, podemos observar o trabalho do estilista mineiro Ronaldo Fraga. Unindo o design de moda aos processos manuais, Ronaldo estampa a diversidade cultural do artesanato brasileiro. Apresentando em suas criações, a junção da alta costura com as habilidades de exímias bordadeiras e artesãs.

“CONVIDEI-AS PARA BORDAR OS JARDINS QUE ALI EXISTIAM. O BORDADO CHEGOU ATÉ ELAS POR MEIO DE SUAS MÃES E AVÓS, QUE HERDARAM ESSE OFÍCIO DOS PORTUGUESES DO SÉCULO 18. O QUE INICIALMENTE ERA USADO PARA DECORAR ROUPAS E PARAMENTOS RELIGIOSOS É, HOJE, ALÉM DE UM IMPORTANTE INSTRUMENTO DE GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA, A REPRESENTAÇÃO DA FORÇA DO FEMININO NA REINVENÇÃO DESSE LUGAR, NA REINVENÇÃO DESSE PAÍS”

Na 45ª edição do São Paulo Fashion Week, Ronaldo Fraga entrega uma coleção produzida em conjunto. Suas peças bordadas por artesãs, da região de Barra Longa. Localidade atingida pelo desastre do rompimento da barragem do Fundão, considerado pelo IBAMA, o maior desastre ambiental do país. O desfile não foi só uma rica apresentação dessa união, mas também um manifesto potente, uma crítica dura a SAMARCO, essa sendo a responsável pela barragem rompida. Foi um resgate a memória das vítimas afetadas, e também estampou a força desse povo que resiste apesar do caos.

“GERAR EMPREGO E RENDA COM REAFIRMAÇÃO E APROPRIAÇÃO CULTURAL. É ISSO QUE FAZ COM QUE MANTENHAM-SE O CORPO E A MUSCULATURA DO SABER. É MAIS: QUE ESTIMULE A GERAÇÃO QUE ESTÁ POR VIR A ENXERGAR ISSO COMO VALOR.”

ENTREVISTA DE RONALDO FRAGA PARA BBC. 2018.



NO DIA 26 DE ABRIL, RONALDO FRAGA LEVOU AO SPFW PEÇAS INSPIRADAS NA CULTURA DAS POPULAÇÕES ATINGIDAS PELO DESASTRE DE MARIANA. FOTO: MARCELO SOUBHIA

ENTREVISTA DE RONALDO FRAGA AO CATRACA LIVRE. 2020.

Em 2018, o mercado de artesanato já alimentava 50 bilhões por ano no Brasil. Em busca dessa ponte entre o trabalho do artesão com a profissionalização, o transformando como possível fonte de renda, atualmente várias instituições apoiam e oferecem essas possibilidades. Sejam elas, expondo seus produtos, comercializando, melhorando acabamentos, capacitando esses artesãos para o mercado, desenvolvendo sua empresa artesanal e instruindo financeiramente para organização de gastos.



CENTRO SEBRAE DE REFERÊNCIA DO ARTESANATO BRASILEIRO (CRAB)

SITE OFICIAL DO CRAB

“O Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB) é uma plataforma mercadológica para o reposicionamento e a qualificação do artesanato brasileiro, transformando-o em objeto de desejo e consumo e, conseqüentemente, aumentando seu valor de mercado. O CRAB Praça Tiradentes é uma grande vitrine da produção e da comercialização do artesanato brasileiro. É formado por três edificações históricas que ficam na Praça Tiradentes, no Centro do Rio de Janeiro.”



LOJA EM LARANJEIRAS:
UM DOS CANAIS DE
VAREJO DA REDE ASTA
FOTO: REDE ASTA

REDE ASTA

Fundada em 2005 por Alice Freitas e Rachel Schettino, a Rede Asta é um negócio social que atua na economia do feito à mão, reunindo mais de 9 mil artesãs empreendedoras, que transformam resíduos em produtos artesanais. A Rede conta com uma loja física no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro.

A rede Asta tem como objetivo o desenvolvimento sustentável, esses sendo regido por alguns pilares: erradicação da pobreza, educação de qualidade, igualdade de gênero, trabalho decente e crescimento econômico, redução das desigualdades e consumo e produção responsáveis.

2.1.1

ARTESANATO BRASILEIRO

O artesanato brasileiro é um de nossos maiores patrimônios culturais. Esse que estampa tradições e cotidianos, da diversidade de identidades do nosso país. São mais de 8 milhões de artesãos representando suas histórias através de seus trabalhos, fomentando a economia e se desenvolvendo como renda principal.

Espaços dedicados ao artesanato são essenciais para que esse trabalho seja cada vez mais disseminado, reconhecido e respeitado. Esses locais proporcionam o comércio das peças, transformando em renda o ofício do artesão. Apresenta ao público através de exposições, resultando em mais visibilidade. Além disso, conecta o artesão a quem deseja conhecer e adquirir seu trabalho, mas não sabe como acessá-lo. Abrangendo todas essas perspectivas, esse local se torna um núcleo de disseminação de informação e aprendizagem sobre o artesanato brasileiro.

A comercialização do produto artesanal, exige alguns pontos em sua execução, para que se torne possível a venda dos produtos. Um deles, é o acabamento das peças. Ainda que o artesanato esteja ligado ao fazer lúdico e manual, é necessário que ele esteja bem executado, para alcançar o público que gostaria de consumir esse trabalho. Essa recomendação não é apenas por questões de design ou estética, mas também por oferecer maior durabilidade e boa qualidade ao produto.

Outro ponto também a ser considerado, é compreender aonde o artesão gostaria de chegar com o seu ofício. Ter um público apenas regional ou ocupar espaços explorando o país de norte a sul? Para isso, é primordial que após identificar esses locais, se desenvolva estratégias para chegar até ele. Desconsiderando a possibilidade de



AS BORDADEIRAS DE
PENEDO E SÃO FRANCISCO
FOTO: MARCOS MUZI

explorar lojas físicas, as redes sociais e a venda online, são ótimos aliados para iniciar esse caminho. A partir dessa apresentação, são inúmeros detalhes a serem definidos. Como expor seus produtos, considerar valores e formas de envio, precificação do produto e etc.

A precificação do produto é um processo complexo, pois carrega várias limitantes e questões de análise com o seu próprio trabalho. Partindo primeiramente do óbvio, o primeiro ponto é calcular os gastos físicos, alguns deles sendo: a matéria prima, o valor do transporte para chegar até ele, a energia elétrica gasta em sua produção, a internet e etc.

Após isso, sua mão de obra junto ao seu conhecimento para realizar o projeto, esse sendo construído através da dedicação em treinamento, técnicas e estudos. Nessa etapa, é extremamente importante que se valorize seu próprio trabalho e esforço, tendo olhar atento e respeito para seus processos.

Por último, considerar a concorrência do mercado, entre outras peças artesanais, e também as industriais produzidas em grande escala. Observar as características que torna o seu projeto único para seus consumidores.



A CASA BORDADA
MUSEU DO OBJETO
BRASILEIRO, 2017
FOTO: MARCOS MUZI

A Casa Bordada foi uma instalação realizada no Museu do Objeto, em 2017 com curadoria de Renato Imbroisi. Ela é construída com ripas de madeiras, acompanhadas de bordados ilustrativos em tecido. Compondo toda a sua estrutura e cômodos da casa, das paredes até o teto, a Casa reúne trabalhos que contemplam 26 estados, sendo eles produzidos por artesãos individuais, coletivos e cooperativas, contemplando mais de 60 pessoas. Essa exposição é um grande exemplo das formas de exposição e apresentação desses trabalhos.

O Grupo Matizes Dumont também utiliza o bordado como ilustração. Sendo formado por uma família de Pirapora, Minas Gerais, eles se dedicam há mais de 30 anos a esse ofício. Transcendendo as técnicas entre gerações, o grupo desenvolveu essas representações visuais explorando diferentes superfícies e materiais. Rompendo padrões estéticos que limitavam a aplicação da linha ao bordado, Matizes Dumont se inspira em representar a diversidade cultural brasileira. A variedade de tons, linhas, contrastes e superfícies, carregam a sutileza desse trabalho impecável. O grupo também idealiza oficinas de bordado e comercializa impressos de suas telas e originais, em uma loja online.



MATIZES DUMONT
PIRAPORA, MG
FOTO: MATIZES DUMONT

Anteriormente a colonização, a população indígena já produzia diversos produtos de artesanato em segmentos diferentes. Entre adereços, ornamentos, objetos decorativos ou com alguma utilidade específica. Uma das principais características de seu trabalho, são as cestarias. Sua estrutura é composta exclusivamente de matéria prima vegetal e trançados que representam suas tradições e crenças. Atualmente, parte considerável da produção dessas cestas, são direcionadas para a comercialização. Entretanto, as tramas e tingimentos podem carregar significados religiosos, sendo essas utilizados para oferenda aos deuses e espíritos. Além de dominar o trançado, os indígenas produzem outros produtos com maestria, como cerâmicas e acessórios.

Quando os processos artesanais envolvem matéria prima vegetal, essas sendo sementes, plantas, fibras, caules e madeiras, é imprescindível os cuidados no tratamento desse material e produção. Algumas adversidades ao acabamento, não é necessariamente atribuída ao artesão, pois é natural que durante o passar dos anos, alguns passos se percam no caminho entre gerações. Porém, o tratamento correto ao material natural, evita que ele



CESTARIA INDÍGENA
GUARANI EM PARATY
FOTO: CIDADE E CULTURA

desbota, danifique em contato com a umidade, facilite no manuseio e montagem da peça. Para isso, além de protótipos aplicados ao material, é essencial que se estude a fundo a matéria prima e suas origens.

Estendendo a linha de discussão da matéria prima vegetal, exemplifico com o colar África Colorido, produzido pela Atitocou. A marca independente de acessórios, foi idealizada no ateliê composto por mãe e filha, Carla de Carvalho e Maíra Rodrigues. Localizado em Ilhéus, no sul da Bahia, a dupla desenvolve acessórios utilizando coco de piaçava, papéis coloridos e materiais não ferrosos, como prata e cobre reciclados. A bagagem criativa do artesanato brasileiro é de uma potência transcendental, a qual ganha força quando em união as habilidades manuais e a gama de materiais oferecidos pela nossa natureza.

Conhecer o artesanato brasileiro, é o reconhecer como plural. Produzidos pelas manualidades, costurado e remendado em tramas firmes e recebido de um solo sempre fértil.



COLAR ÁFRICA COLORIDO
POR ATITOCOU

2.1.2

ARTESANATO JAPONÊS

O Japão alimenta duas vertentes muito distintas entre si, mas que se complementam ao representar seus costumes culturais: o manual e o industrial. Na década de 50, é criado o sistema de produção chamado Toyotismo, pela família Toyoda. Considerando a baixa produção e escassez de recursos, esse método constitui 3 pilares: eliminando os desperdícios fabricando com economia de recursos, fabricação objetiva com o mínimo de defeitos em seus produtos e por último, o máximo envolvimento e dedicação dos funcionários a produção da fábrica.

Com o passar dos anos, o Japão se consolida como grande potência econômica, ocupando a quarta posição mundial como importador e exportador de seus produtos, desenvolvendo alta tecnologia e oferecendo um nível de padrão de vida notável. Porém, ainda que o Toyotismo tenha alimentado esse desenvolvimento industrial, o fazer manual é uma atividade milenar no país.



TIGELA PARA CHÁ COM
ESMALTE TRICOLOR,
KANJIRO KAWAI
FOTO: JAPAN HOUSE



PRATO GRANDE EM
FORMATO DE FLOR COM
PINTURA COLORIDA
DE UMA AVE EM VOO,
KOKUTANI
FOTO: JAPAN HOUSE

CERÂMICA

O Japão é o país com a mais longa história no mundo em técnicas de queimar argila para produção de recipientes. Suas técnicas e características, seguem linhas muito específicas de produção e catalogação. Entre as cerâmicas produzidas de forma manual, existem diversos materiais e estilos que se distinguem entre si.

Algumas peças são produzidas sem nenhum esmalte, apenas realizando a queima do argila. A coloração do recipiente é proporcionada pelo calor do forno, fazendo com que não fique uniforme em todos os processos. Outros, são produzidos envolvendo esmalte, queima e formatos moldados em padrões, mas ainda sim garantindo exclusividade em cada peça. Ilustrações mais complexas também são exploradas, utilizando diferentes tipos de esmaltes, até mesmo incluindo materiais nobres, como o ouro. O Wabi é outra técnica que abrange a simplicidade e irregularidade, considerando o formato irregular da peça como essência.



BORDADO

Em relação ao bordado japonês, uma das técnicas mais conhecidas é o “Sashiko”, que em sua tradução, significa pequenas perfurações. Originalmente foi uma forma que os japoneses encontraram de recuperar peças de roupa ou reforçá-las. Ela foi aplicada em tecidos que precisavam de remendos, vestimentas de guerra e de bombeiros e em agasalhos para se proteger do inverno rigoroso do Japão. Posteriormente, foram adicionadas duas técnicas ao fazer do “Sashiko”: o “Moyozashi” e o “Hitomezashi”. O primeiro sendo bordados em linhas contínuas, o segundo grafismo que se atravessam formando um padrão.

Um estilo completamente oposto ao “Sashiko”, são os bordados ilustrados tradicionais do Japão. Aplicados em diversos objetos, como vestimentas e lenços, essa prática é realizada explorando texturas tanto de material, como de superfície. Os tecidos podem ser compostos por tramas mais simples ou sedas sofisticadas, as linhas também contemplam fios de algodão comum, aos fios de ouro. O bordado é tão minucioso e bem acabado, que se assemelha a uma pintura.



KIMONO DE IIDA & Co./
TAKASHIMAYA
FOTO: THE MET 150



BORO

O “Boro” significa farrapos, e é um método de costura que reúne diferentes retalhos de tecido, com o intuito de utilizar o material até o fim de sua vida útil. A diversidade de seus remendos, estampa a identidade de cada família que utilizou essa técnica, para construir e preservar suas roupas. O termo japonês “Wabi Sabi” corresponde a enxergar a beleza na imperfeição, porém, o “Boro” não se espelha diretamente nessa tradição, e sim, em aproveitar tudo e não desperdiçar nada.

Sua costura remete a peças de “Patchwork”, entretanto a produção é significativamente mais simples,

por não envolver a preocupação com acabamentos e combinações no processo. O “Sashiko” também é aplicado no “Boro”, sobrepondo os retalhos remendados, os reforçando.



ORIGAMI DE TSURU
FOTO: TODA MATÉRIA

ORIGAMI

O origami surgiu logo após a invenção do papel, na China no período de 105 d.C. “Ori” significa dobrar e “kami” é papel, a arte milenar do origami é transformar dobraduras em papel, em representações de seres, objetos ou formas geométricas.

No Japão, as dobraduras se tornaram símbolos, sendo utilizadas em rituais xintoístas. No início, não era permitido utilizar cortes ou qualquer tipo de cola, pois acreditavam que apenas com o papel inteiro, sem nenhum tipo de intervenção, seria possível homenagear as árvores que originaram o papel.

Cada representação do origami, carrega uma crença em si. O “tsuru” (pássaro japonês) representa sorte, longevidade e saúde. O origami de sapo, é um amuleto de desejo para que coisas boas aconteçam.

3. publicação independente

3.1

EDITORIAL E INDEPENDENTE

Anteriormente as definições, estabeleço a publicação independente como uma nova possibilidade no design editorial. Porém, ainda que incluso nesse meio, a publicação está longe de se encaixar nos padrões desse mercado. Em resumo, a publicação independente é um processo que envolve baixo custo, baixa tiragem e a possibilidade de formatos mais informais de livros.

O designer ou criador do livro, provavelmente ocupará sozinho diferentes funções. Escrever, revisar, editar, diagramar e ilustrar. É importante lembrar que o design e a produção andam juntos em todos os processos, estão interligados. Isso explica a necessidade de caminhar com as duas ideias simultaneamente, para que um lado equilibre o outro.

A publicação independente oferece a perspectiva de formatos não convencionais, porém não é regra. Sendo o trabalho realizado sozinho, você tem a autonomia de definir desde formatos clássicos padronizados, até algo que não contemple a estrutura de páginas de rosto, frontispício, ficha e sumário.

Ainda que envolvendo baixos custos, o livro não necessariamente precisa ser financiado sozinho. Para isso, plataformas de financiamento coletivo podem ser uma boa opção, facilitando o aumento do número de tiragens. Consequentemente, seu trabalho é entregue a um maior público de pessoas. Outra perspectiva é lançar a publicação para pré-venda, arrecadando previamente os gastos que a impressão terá na gráfica. As redes sociais auxiliam muito na divulgação desses projetos.

Quando se discutiu o que aconteceria com o formato impresso de livros, com o lançamento frenético de di-

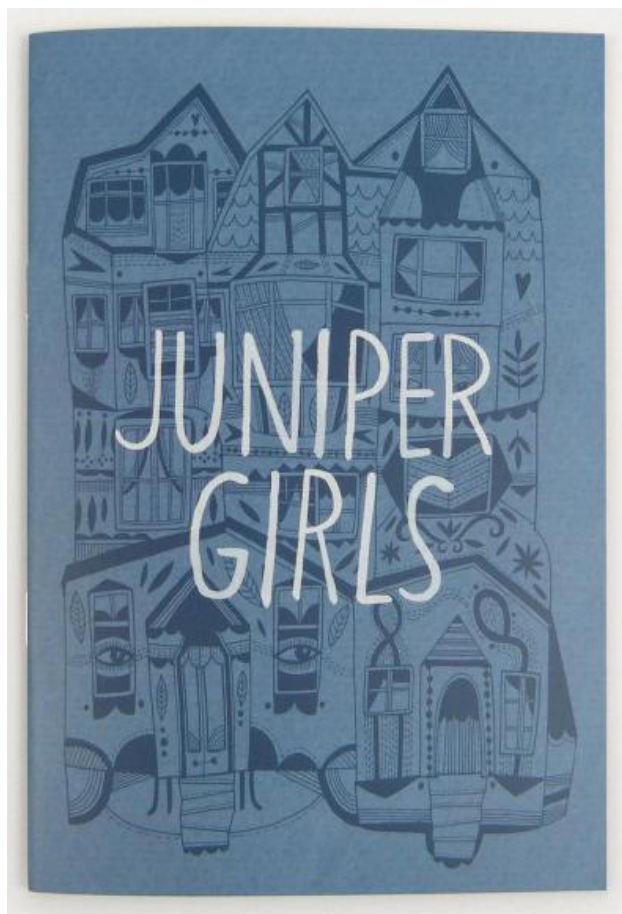
versos modelos e formatos de e-readers, uma possibilidade muito cogitada é que os impressos perderiam seu espaço. Atualmente é possível interpretar que nada substitui o cheiro de um livro novo, como também nada substitui a praticidade de um e-reader. Os dois formatos reagiram ao contrário do esperado e se completaram, cumprindo funções distintas que dialogam entre si. O digital não substitui o analógico, ele auxilia.

Os e-readers não ocuparam lugares de impressos, mas escancararam um mercado em crise há tempos, o editorial. Grandes empresas, visam obter grandes lucros, e isso não seria diferente para grandes editoras. Com altos investimentos na produção de tiragens significativas, a empresa busca o melhor custo benefício. Porém os gastos também se equilibram aumentando os valores, o transformando em um sistema falido.

As experimentações da publicação, são mais proveitosas quando realizada em conjunto. Pois a troca dos experi-

“YUKATA”
FOTO: 10KEY WEB. 2019





“JUNIPER GIRLS”
FOTO: ANKEWECKMANN, 2016.



mentos entre produtores, é sempre muito rica. Um bom exemplo desse fazer coletivo, foi a iniciativa de alunos da ESDI. Reconhecendo a vontade se autopublicar, explorando processos manuais e de baixo custo, criaram o Colaboratório. Um espaço no próprio campus, que se tornou ateliê, a qual inicialmente oferecia alguns materiais para realizar esse projeto. Posteriormente, os alunos se organizaram para investir aos poucos em novos acessórios e materiais.

3.2

TÉCNICAS, SUPORTES E FORMATOS

Um modelo muito conhecido de publicação independente, é o Zine. Ele existe como meio de produção há tempos, inicialmente eram produzidos apenas com recortes e colagens. Representa um cenário “underground”, o qual nega o que o sistema oferece como informação, e assim cria a sua própria cultura.

Os projetos contemporâneos dos zines, são produzidos frequentemente via impressão digital e comercializados online. Ele garante essa proposta totalmente informal dos processos, um meio alternativo. Contribuindo o acesso do trabalho ao público.

O primeiro zine brasileiro surgiu no ano de 1965, produzido por Edson Rontani. O movimento ganhou força na segunda metade dos anos 1970, através da cena do movimento punk rock, semelhante ao que ocorreu nos Estados Unidos. O período era de ditadura, surge o zine “Manifesto Punk de Tatu”, produzido pelo vocalista da banda Coquetel Molotov. A publicação estampa trabalhos contra o período de “chumbos”.

Existe a comparação entre zine e literatura de Cordel, pelas características em comum. Como a própria produção do conteúdo da publicação, formato e a distribuição

também independente. Entretanto, possuem públicos com interesses bem distintos.

No início de 1990, a produção de zines explodiu. Eram diversas publicações produzidas vindos de várias regiões do Brasil. Porém o impresso compete simultaneamente com os avanços tecnológicos, isso é, era necessário encontrar formas de driblar esse turbilhão de informações e a reafirmar sua importância. Para que isso ocorra, alguns critérios começaram a ser definidos para a produção das mesmas. O investimento em papel diferentes do convencional, com gramaturas e texturas. Explorar cores na impressão e outros formatos de diagramação. O público precisa desejar ter essa publicação impressa em mãos. E todas as mudanças, poderiam ser atrativos.

Outra possibilidade de suporte, são livros artesanais. São adequados para pequenas tiragens, pois exigem muitos detalhes e acabamentos manuais. Em contrapartida, permite que você explore novos materiais, texturas e costuras diferentes na encadernação. Se tornam edições únicas quando finalizados, algumas vezes suas características fazem com que deixem de ser livros suporte para se tornar livros objeto.

3.2

FEIRAS E PÚBLICO

Atualmente no Brasil, muitas feiras independentes alimentam esse meio editorial da publicação. Eventos bem organizados e produzidos ocorrem em cidades como: Brasília, São Paulo, Porto Alegre, Florianópolis, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. É importante ressaltar que os organizadores são em sua maioria donos de editoras independentes, designers e zineiros.

Reunir todo esse projeto em um só espaço, é não somen-

te apresentar esse trabalho, como oferecer a experiência sensorial em relação às publicações com o público. Ainda que impressa com número x de tiragens, o projeto mantém sua identidade única, se tornando uma atividade prazerosa o seu manuseio.

A publicação independente é pública, mas geralmente suas produções chegam a um mesmo nicho que já consome esses trabalhos. Esses eventos também mantêm um público fiel. Então como espalhar esses trabalhos a receptores de nichos diferentes? Acredito que a realização dessas feiras, tem alcançado mais pessoas a cada edição. Ganha notoriedade através de suas grandes estruturas e instalações, boas divulgações nas mídias e entre o público já frequente. A publicação nasce do desejo de falar, e do outro lado existe um público que deseja ouvir.

Em 2017, foi realizada a Feira Plana na Bienal do Ibirapuera. Ela é considerada um dos principais eventos de publicação independente, recebendo um público de cerca de 18 mil pessoas. O evento incluiu oficinas, debates, performances e filmes, além da venda de livros, revistas e zines. Reunindo cerca de 250 expositores, entre designers, ilustradores, editoras independentes, coletivos e também a produção de fora do país. Argentina, Canadá e Suíça.



EDIÇÃO DE 2017,
NA BIENAL DO IBIRAPUERA
FOTO DE FRANCISCO COSTA

4. referências



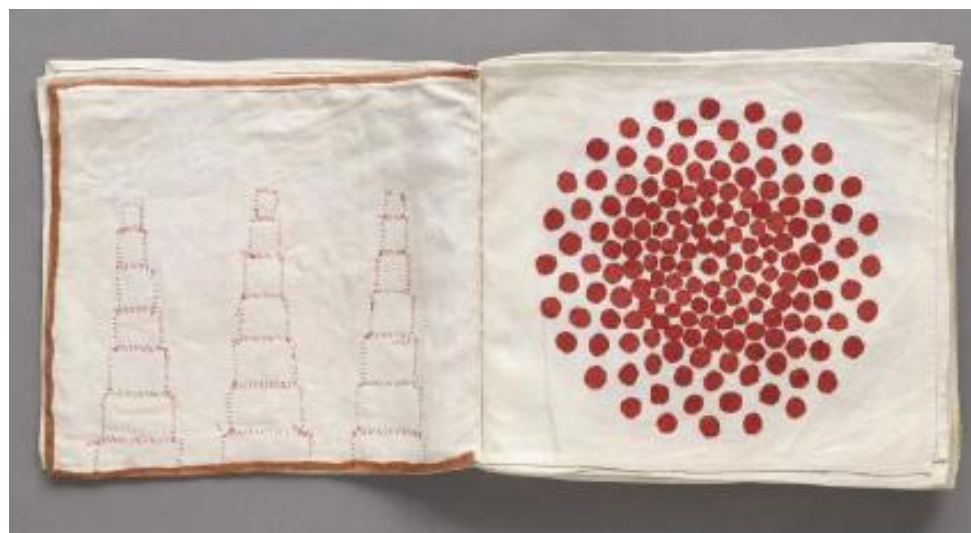
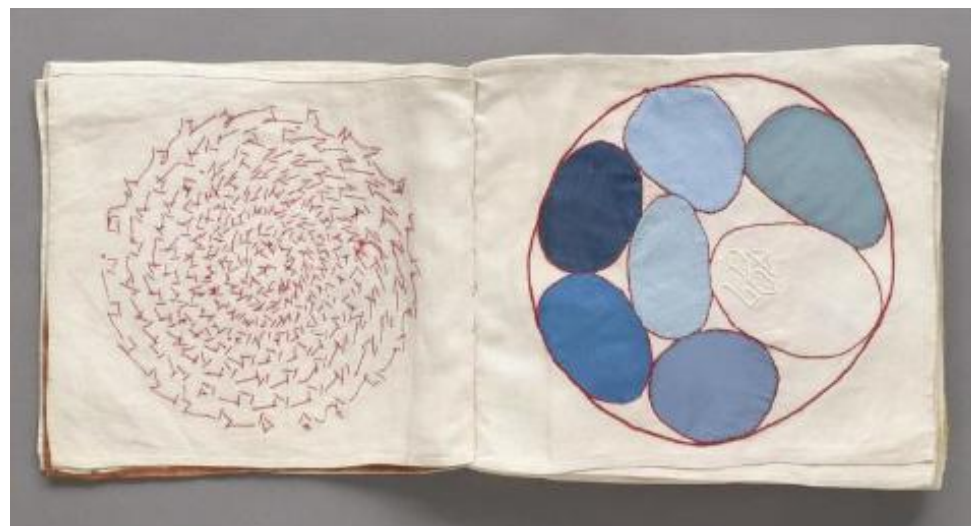
KAZUITO TAKADOI
(HOKKAIDO, JAPÃO)
WWW.KAZUITOTAKADOI.COM
FOTO: KAZUITO T



BORDADO E TRANSFER SOBRE TELA
ANA TERESA BARBOZA
(LIMA, PERU)
WWW.ANATERESABARBOZA.COM



ODE À L'OUBLI
LOUISE BOURGEOIS
(PARIS, FRANÇA)
FOTO: MOMA



5. projeto gráfico

O objetivo principal desse projeto é uma publicação biográfica sobre Julia Satie Miyamoto, mas como realizar esse processo resumindo 77 anos em poucas páginas? Esse foi o primeiro questionamento para criação do mesmo. Após esse desafio, os principais pontos a serem considerados foram:

. COMO CONTAR UMA BIOGRAFIA EM UM NÚMERO REDUZIDO DE PÁGINAS E O QUANTO SEI SOBRE ELA?

. COMO ENVOLVER PROCESSOS MANUAIS AFETIVOS AO PROJETO

. COMO EXPLORAR O FORMATO SENDO ELE UMA PUBLICAÇÃO INDEPENDENTE

A bagagem histórica pessoal que carrego da vida da minha Batian, não pode ser considerada como um décimo de toda a sua existência. Ainda que tenha vivido 25 anos de uma relação muito próxima e afetuosa, seria um equívoco considerar que sozinha poderia contar sua história com tanta verdade e grandiosidade da mesma. Para isso, mergulhei em possibilidades que poderiam me oferecer esses acontecimentos.

As alternativas que encontrei foi embasar a minha pesquisa em fotografias, cartas, objetos, experiências familiares e relatos pessoais. Para isso, contei com a ajuda de muitas pessoas que fizeram esse trabalho possível, sendo eles irmãos, sobrinhos e amigos.

Através desses relatos, produzi um recorte na fala de cada um. Além disso, busquei formas de retratar outras pessoas que não estariam com seus relatos estampados no trabalho, as representando com as ilustrações bordadas e as cartas de saudade impressas.

Em relação a envolver processos manuais afetivos ao projeto, é necessário que além da técnica, todas as etapas tenham como base o design editorial, as técnicas

de bordados como meio representativo da ilustração e compreender minha função percorrendo de designer, a editora do livro, exigindo que também se façam revisões dos textos.

Tendo em vista o livro sendo produzido de forma independente, a publicação oferece diversas possibilidades de formatos, cores, impressão, tiragem e suporte. Entretanto, um adendo considerando o futuro do projeto, é compreendê-lo como um livro único abrangendo os processos manuais, porém que possa ser convertido a um impresso, tendo tiragens maiores.

Para realizar a coleta de relatos que serão impressos no livro, desenvolvi uma breve entrevista com alguns entes queridos. O critério para escolher essas pessoas, foi especificamente por afinidade. As pessoas que mais conviviam com a minha Batian Julia. Algumas delas, não participaram por questões pessoais. O processo de coleta foi extremamente cuidadoso, respeitando as emoções e decisões de cada um. As perguntas realizadas foram:

. QUEM ERA JULIA SATIE MIYAMOTO PARA VOCÊ?

.ALGUNS MOMENTOS MEMORÁVEIS. CARTAS OU OBJETOS QUE REPRESENTEM ESSAS MEMÓRIAS. (CASO TENHA CARTAS OU OBJETOS, EU PODERIA UTILIZÁ-LOS NO MEU PROJETO, POR FAVOR?)

5.1

RELATOS

MARIO TOMOHIRO YAMAGUTI IRMÃO

“Ela representou na verdadeira acepção da palavra a família Yamaguti em toda plenitude, tanto na parte social familiar como perante a sociedade, com seu trabalho incansável em prol da sociedade. Fato que nem Eu e nem os demais irmãos foram e talvez não tiveram essa abnegação e doação em prol de dos mais necessitados.

Minha vida se funde com a da Sa, pois tive a sorte de ter tido nela o exemplo e inspiração para tornar-me uma pessoa melhor a cada dia. Deixa uma lacuna grande a sua ausência, mas vive no meio de nós, basta lembrar com ternura os bons momentos vividos (que não são poucas...)

Não me lembro no momento de algum fato marcante, mas toda a minha trajetória de vida teve e terá sempre um toque sutil e indelével na minha irmã.”

WALTER HIDEAKI AZUMA SOBRINHO (QUASE FILHO)

“Ela sempre vai ser lembrada como: não só uma tia, ela era muito solidária, pensava e corria atrás de tudo que poderia ser benéfico para a comunidade, o bairro, as pessoas que faziam parte do seu convívio, Tia Júlia ou Ká, como a chamávamos (Ká diminutivo de Katian= Mãe). Já dizia tudo. Foi minha mãe por 40 dias enquanto meu irmão Maurício estava enfermo devido a uma queimadura.

Momentos memoráveis: Foram vários momentos, dentre eles, a casa da rua Araguaia tinha um pé de manga, eu sempre apanhava duas e guardava a mais bonita pra Ká, mas teve um dia em que as frutas não estavam aquelas

coisas e só havia uma madura e bonita, guardei atrás do filtro de água pra comer depois e acabei esquecendo e só encontraram 10 dias depois, quando o cheiro da podridão espalhou na casa toda. Kkkkkkkkkkk”

MAURICIO HIDEMI AZUMA SOBRINHO (E AFILHADO MUITO ESPECIAL)

. Quem era Julia Satie Miyamoto para você?

“A Júlia era minha tia, e uma pessoa muito especial para mim, mas acho que nunca a chamei de tia, sempre foi “Dinha”, apelido carinho de Madrinha ou “Ká” de Okasan que em japonês significa mãe. Sim ela foi minha madrinha, irmã da minha mãe, e esse título na minha família, não é dado para qualquer pessoa, apenas para as pessoas mais especiais.

A Ká, levou essa responsabilidade com muita seriedade, afinal minha mãe partiu para o céu mais cedo que ela, e sempre falaram que na falta da mãe, a madrinha seria responsável pelo seu afilhado, como se fosse a segunda mãe. E mesmo antes da minha mãe virar uma estrelinha, a Ká cuidava, não só de mim, mas das pessoas ao seu redor, e muitas vezes brigava para protegê-las.

Sempre a vi como uma pessoa muito forte, muito parecida com a minha mãe, bem diferente do estereótipo oriental de submissão feminina, ambas tinham uma personalidade forte e muita coragem de falar e tomar atitudes quando elas ou sua família se sentissem prejudicadas.

Acredito que isso tenha servido como exemplo, me encorajando em situações que necessito me manifestar quando algo me incomoda, e geralmente dizem que o oriental é mais passivo, mas essa expressão é para quem não conheceu a Ká e a nossa família.

Falar da Ká, é falar da minha vida também, pois a sua presença na minha formação foi muito importante, acho que é difícil separar algo que já faz parte da gente. Houve tempos que nos encontrávamos semanalmente em reuniões familiares, quando era possível colocar a conversa em dia e partilhar da vida pessoal de cada um, como se fôssemos uma única e grande família. E lembrando agora, os tempos idos, como isso tudo era bom.

Ainda sobre a minha formação, mesmo sabendo de todas as dificuldades, muito comum em famílias humildes, a Ká sempre me incentivou a estudar, elogiando dizendo que eu tinha talento, inteligência e capacidade, e depois de um tempo a gente acaba acreditando e isso pode se tornar verdade (risos). E mesmo depois, na vida profissional ela sempre elogiou o meu trabalho, como disse, a gente acaba acreditando que é capaz.

Poderia ficar descrevendo um longo texto sobre quem foi a Ká, mas ainda sinto um nó na garganta e as lágrimas brotam a cada palavra escrita e lembrada. Confesso que achei que seria mais fácil escrever este pequeno texto, me enganei, mas sou grato por ter boas lembranças dessa pessoa tão especial, e que parte da minha vida de forma tão significativa.”

. Alguns momentos memoráveis. Cartas ou objetos que representem essas memórias.

A Ká tinha uma habilidade ímpar de ser alvo dos meus trotes ao telefone e de carinhosas piadas. Digo habilidade, pois não é qualquer pessoa que está preparada para equilibrar o senso de humor, paciência e seriedade, e ela conseguia fazer isso. Essa liberdade não encontrei para com as outras pessoas, vai ficar uma guardada esta cumplicidade nossa como algo particular.

Fer, lembrei da cartinha que mandei para ela no tempo do Japão, acho que foi a única carta que devo ter escrito para ela. E claro que pode usar sim.”

ALEXANDRO KENJI KIMURA SOBRINHO E AFILHADO

“Ela era a Dinha, a minha madrinha, segunda mãe, responsável por dar asas à minha criatividade e fazer as minhas “vontades”, enquanto a minha mãe Tuguhe era responsável pelas “necessidades”.

Quando criança, sob os seus cuidados, enquanto meus pais trabalhavam, realizei as minhas experiências e artes. A Dinha nasceu com um dom de agregar pessoas e entender o sentimento por trás das ações: empatia. Esta característica a tornava muito humana, preocupada e intensa.

Ela se envolvia, se posicionava e o principal: agia. Todos podiam contar com ela, familiares, amigos, clientes e a sociedade londrinense.

A sua verdade e atitude, às vezes, nos pegava de surpresa, mas, sempre revelava uma sabedoria que resistia a superficialidade das relações “modernas”.

A Dinha tinha uma memória incrível. A sua cabeça era um arquivo de histórias e lições de vida. Sabia ouvir e repassar. Escutávamos incontáveis vezes a mesma história, empolgados pelo jeito único de fazer a história ficar interessante, talento do verdadeiro “contador de histórias”.

As suas histórias traziam para todos os familiares o senso de origem e pertencimento que cria vínculos e preenche as lacunas da linha do tempo entre os nossos antepassados e o presente. Conexões que nos dão sentido e responsabilidades.

E é basicamente através dela que conheço as histórias da minha família e as minhas origens. Estas histórias mantém vivos personagens que mesmo sem contato, nos cria a sensação de “pertencimento”.

Uma lição dela que trago para minha vida é o exemplo diante das mais diversas adversidades: manter-se firme e ser responsável pelos seus pais, filhos e netos.

Não existia um assunto árido o suficiente para inibir o seu comprometimento. Ela se envolvia e buscava maneiras de costurar as relações. Ela não era indiferente aos nossos problemas. Ignorar para ela não era uma opção.

Acupuntura oriental era a sua profissão e com precisão perfurava o corpo com as agulhinhas, mas, com habilidade pontual também cuidava da alma de seus pacientes, fazendo há 50 anos o que a medicina hoje entende como pré-requisito para cura das doenças: o tratamento holístico.

Estas lições balizam o meu dia-a-dia, como médico, compreendendo que mesmo por trás das incisões precisas da cirurgia plástica estética, existem pessoas que estão com sentimentos partidos que precisam ser restaurados.

Enfim, muitas lições aprendidas e a certeza de que a morte não leva consigo a história de vida que compartilhou com aqueles que conviveram com ela e que a tornou importante ao longo da vida.

A sua vida cheia de sentido não desaparece na morte e continua sendo mãe, avó, irmã e dinha. Tudo que ensinou, tudo que vivemos continua vivo em mim e na certeza da imortalidade do DNA (replicado nos herdeiros) e na crença na imortalidade da alma.

Infelizmente não temos mais um futuro compartilhado... Fico agradecido por ter convivido com uma pessoa tão especial. Felizmente podemos em iniciativas como esta, parar o tempo, abrir e reavivar os sentimentos.”

MAURÍCIO BARROS AMIGO HÁ 25 ANOS

“Meu nome é Maurício Barros. Eu sou biomédico e trabalho na saúde já há quase quarenta anos. Eu não tenho parentesco com a dona Julia, no entanto eu a conheço há mais de trinta anos. E na verdade, juntos na luta mesmo, especialmente na luta de saúde, há uns 25, 26 anos que a gente batalhava junto nas questões de saúde.

O que representou a dona Julia para mim, eu diria que, não só para mim mas para o movimento de saúde da cidade de Londrina, e até do estado do Paraná, representou absolutamente tudo de importante no que diz respeito à luta por melhorias nesse campo da saúde e no campo dos direitos humanos. Mas mais especialmente, ela representou no setor saúde. Então, a dona Julia era uma pessoa que entrava nas reuniões de maneira muito tímida às vezes, sempre muito tranquila e muito calma, mas uma pessoa de uma sabedoria incrível.

Eu diria que a dona Julia foi para nós, para essa geração desses últimos 25 anos, ela foi uma pessoa que nos trouxe sabedoria. Nós terminamos aprendendo muito do que ela nos passou nesse período todo.

Uma pessoa que não era de falar muito, de conversar muito; às vezes ela ficava uma reunião inteira, uma hora, uma hora e meia, duas horas de reuniões, ela não dava uma palavra. Também tinha uma coisa, quando a dona Julia pedia a palavra, todos nós sabíamos que ali vinha com certeza uma lição importante, porque ela era uma pessoa observadora.

Quando ela falava, dificilmente não se observava de imediatamente a razão dela. Então a dona Julia, para nós, foi uma pessoa que transmitiu tranquilidade, serenidade, especialmente transmitiu sabedoria. E uma pessoa que deixou para nós um legado muito legal, do ponto de vista da luta pela justiça social. Eu diria que esse foi o papel

principal da dona Julia nesses últimos anos, especialmente no aspecto comunitário.

Ela era uma pessoa dedicada à essas questões. Era uma pessoa que não media esforços, muitas vezes apesar da saúde e tudo, mas ela estava sempre presente. Sempre tranquila, sempre ensinando as pessoas, dando lições de inteligência e lutando especialmente pelo campo da saúde.

Londrina já teve catorze conferências municipais de saúde. Todas elas de dois em dois anos, agora que são de quatro em quatro anos. E dona Julia participou de todas essas conferências municipais de saúde. Todas. A dona Julia participou além do conselho municipal da saúde e das conferências municipais. Ela participou ativamente também da fundação e foi coordenadora do CONCEN-TRO (Conselho de Saúde da Região Centro de Londrina). Ela teve um papel importante na fundação, foi coordenadora por vários anos desse conselho da região central. Foi também do Conselho Local de Saúde da Vila Nova, Conselho de Saúde da Vila Portuguesa. Participou das conferências do estado.

E tem um outro setor social que a dona Julia também deixou um legado importante, que foi o Centro de Direitos Humanos. Participou conosco por mais de quinze anos na Comissão de Saúde do Centro de Direitos Humanos. E nós temos o registro da presença dela em lista de presença nessas conferências, nesses debates, que remontam há mais de vinte anos atrás a assinatura dela nessas reuniões e nessas conferências.

Então, para nós, a dona Julia representou a sabedoria. Essa tranquilidade, essa serenidade. É isso que ela deixou para todos nós. E eu posso falar por mim, mas você percebe que eu estou falando o tempo inteiro “nós”, porque a dona Julia não deixou esse legado só para mim, mas eu tenho certeza absoluta que todos os setores so-

ciais da saúde, especialmente dos conselhos - daquele setor de usuários da saúde. É ali que ela atuava concretamente pelo menos comigo, durante esses vinte e cinco anos. Um abraço, dona Julia. Fica em paz.”

PASTOR CARLOS XAVIER AMIGO HÁ 12 ANOS

“Meu nome é Carlos Alberto Xavier. Eu sou professor em Sociologia, e sou pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. Eu conheci a dona Julia em 2008 através do meu amigo Maurício Barros, na época, diretor da Secretaria da Saúde, e que coordenava o trabalho de combate à epidemia do mosquito aedes aegypti.

A dona Julia era uma líder comunitária na época, que apoiava essa campanha de combate à dengue, mobilizando moradores na região do bairro Vila Nova, participando das reuniões de combate à dengue, e também de outras reuniões acerca dos problemas da saúde, das carências que os moradores do bairro possuíam. Sempre admirei o seu vigor, a sua disposição, a sua simplicidade, a sua dedicação e o seu compromisso social.

Posteriormente, acompanhei ela em reuniões do Conselho de Saúde do bairro. E também tive a oportunidade de encontrá-la em algumas conferências municipais da saúde -inclusive, na última conferência no ano passado, quando ela participou ativamente, motivando as pessoas, articulando a participação popular. Tinha por ela o maior respeito. A maior admiração.”

ALBERTO TSUKASA IKEDA

MELHOR AMIGO E IRMÃO DO CORAÇÃO

“Eu desde cara gostei dela, porque era uma pessoa simpática assim... E no começo a gente não falava muito, mas aí a gente pegou amizade e no fim um falava na cara do outro. Era uma amizade boa sabe. Olha, eu vou falar a verdade. Eu gostava dela, eu continuo gostando. Dela eu não esqueço não. Ela vai estar sempre no meu coração. Eu tenho amor por ela sabe. Eu sempre falei pra Tereza que eu amava ela demais. Olha, eu não escondo viu. Ela pra mim foi tudo. Eu não frequentava a casa dela, eu nunca ia comer junto com ela, mas eu tinha um amor que você nem imagina. Eu tenho duas irmãs, mas considero ela minha irmã também.”

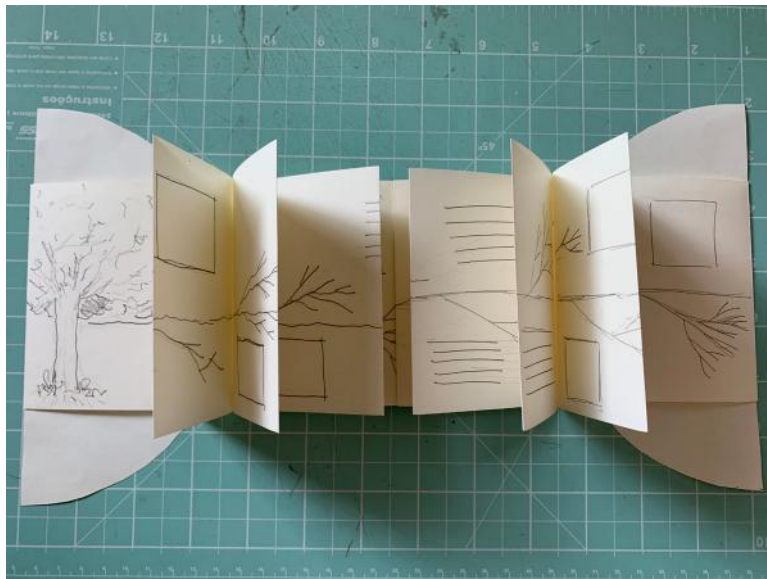


5.2

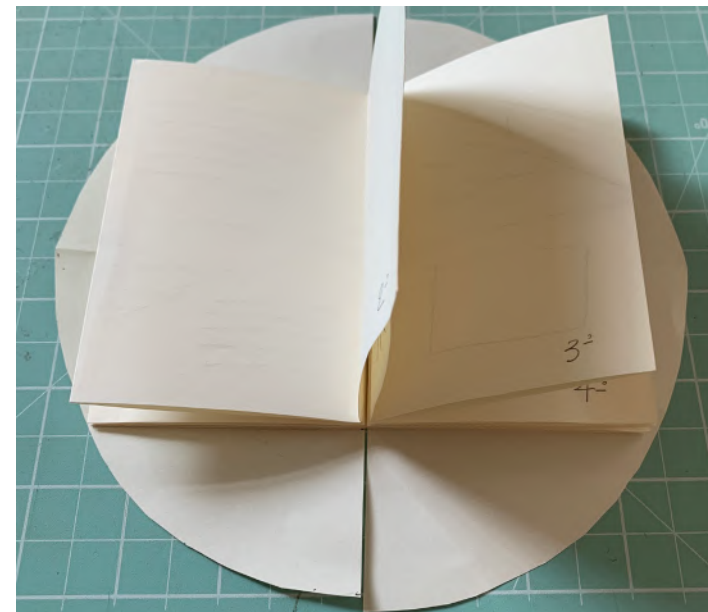
TÉCNICAS, SUPORTE E FORMATO

A capa circular foi a primeira ideia materializada em protótipo. O formato em círculo, representa essa sequência contínua de acontecimentos, da vida em si. Esse punhado de memórias cíclicas, entre viver e morrer. Porém, considerando os fatores de acabamento e aos materiais, as curvas limitavam esses processos.

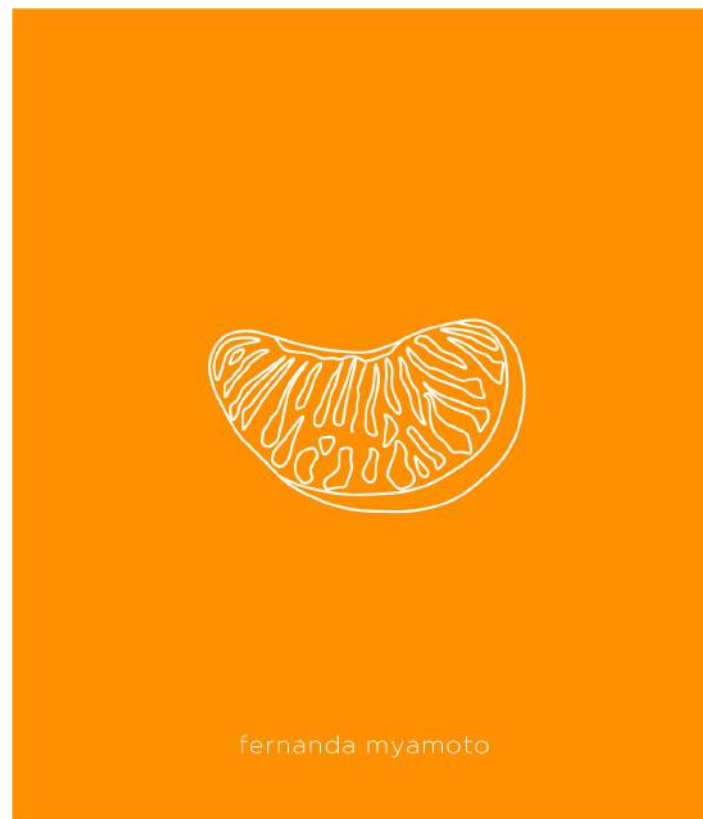
O miolo sanfonado, também abraçava o pensamento dessa linha do tempo. Tendo 2,5m de comprimento, composto por 12 páginas cada lado, 24 considerando frente e verso. Entretanto, a iniciativa de escolher o suporte inteiro em tecido, o formato sanfonado é inviável quando há a limitante dos vincos serem maiores, pois o livro fica com uma altura exorbitante. Então, foi necessário diminuir o número de páginas, definindo para 8 cada lado, 16 considerando frente e verso.



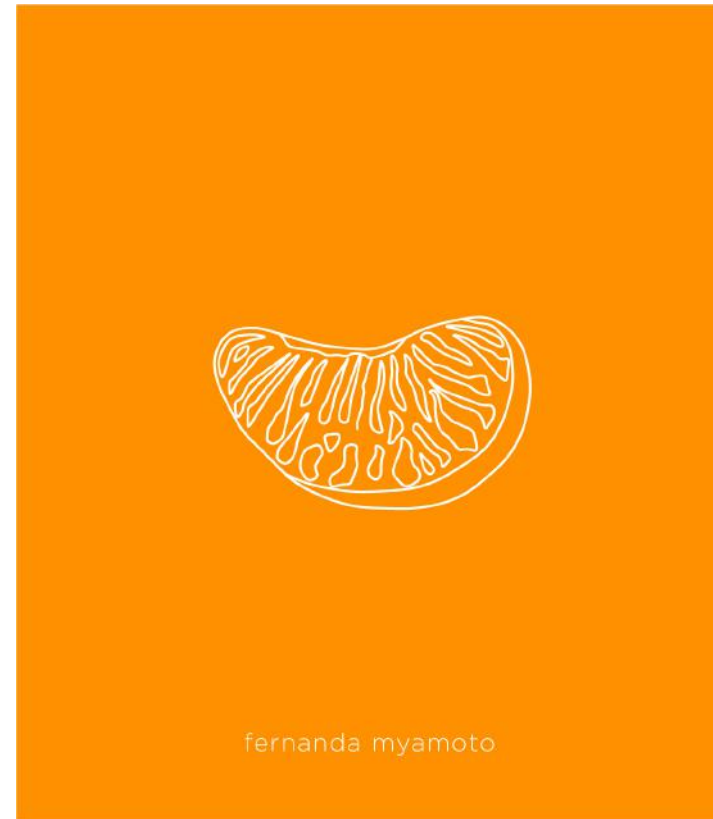
PROTÓTIPO CAPA
CIRCULAR E MIOLO
SANFONADO



Após definir o formato retangular para a capa, realizei testes com ilustração digital, considerando apenas a possibilidade de uma capa impressa, transformando em uma estrutura rígida, com o suporte do papel paraná.



PROTÓTIPO CAPA 1
FRENTE E VERSO



PROTÓTIPO CAPA 2
FRENTE E VERSO



PROTÓTIPO CAPA 3
FRENTE E VERSO

Por ser em tecido, o miolo é mais maleável que o papel. Para garantir melhor estrutura para o livro, o tecido reveste um papel paraná 2mm. Dando rigidez e acabamento para a peça.

11 cm



10 cm

PROTÓTIPO CAPA FINAL
FRENTE E VERSO

Bordado em branco
Tipografia **Gotham Bold**
Tamanho 61 pt



Transfer em preto
Tipografia Gotham Light Regular
Tamanho 10 pt

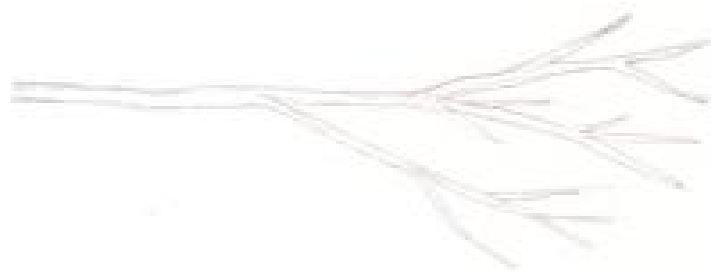


As capas são bordadas em algodão cru, com agulha número 6 da Coats e linha Rubi brilhante da Círculo. O algodão cru é de uma trama mais fechada e espessa, sendo um tecido com mais rigidez, garantindo que a agulha 6 não danifique as tramas ao bordar.

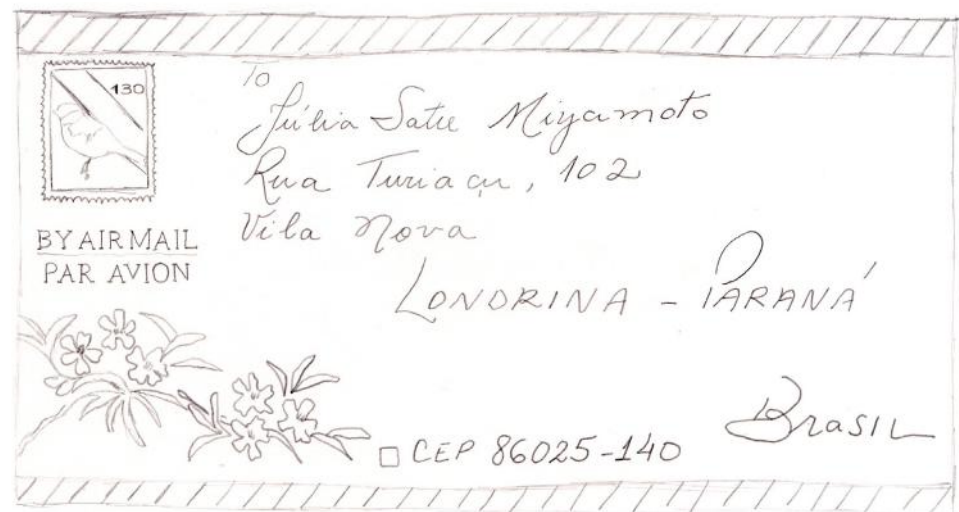
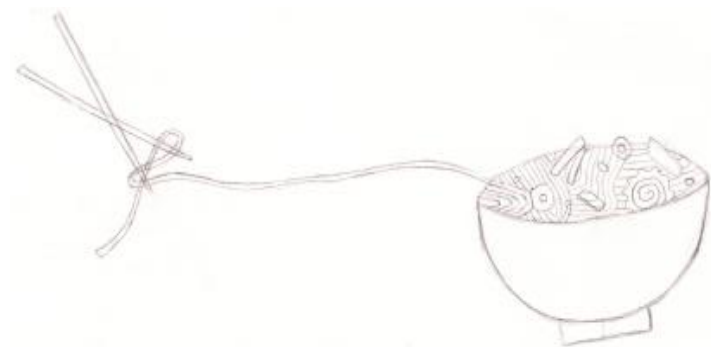
Selecionar as imagens que se transformariam em ilustrações bordadas, foi o primeiro passo para compreender como a diagramação funcionaria. Isso é, considerando o formato e a limitação dos espaços, defini recortes dos relatos enviados, para que assim, a mensagem se tornasse direta, mas que ainda assim, carregasse as palavras de afeto.

Para realizar o risco dos bordados, é necessário que a ilustração se transforme em outline, isso é, compondo todos os detalhes através de linhas, sem a marcação de sombras ou texturas. Considerar o tamanho do bordado, a espessura da linha, da agulha e o tipo de tecido, é primordial para também definir quais detalhes poderão ser aplicados. Algumas ilustrações foram feitas a partir de fotos ou objetos, outras apenas de lembranças.

ILUSTRAÇÃO DE GALHO DE SAKURA
uma das flores preferidas de Julia e um dos símbolos do Japão



LÁMEN UDON
um dos pratos preferidos que Julia gostava de preparar para toda a família



CARTA RECEBIDA DO JAPÃO DE TUGUHE KIMURA, IRMÃ E MELHOR AMIGA DE JULIA
Tuguhe era uma das pessoas mais próximas a Julia, mas não pode participar do projeto por considerar ainda muito difícil falar sobre ela. Mas achei de extrema importância encontrar formas de colocá-la no projeto. Pois não faria sentido sua ausência, como também não fazia sentido Julia sem Tuguhe e vice-versa. Essa é uma das únicas cartas que encontrei trocada entre as duas, na época em que Tuguhe estava no Japão.



HOTOKESAMA

templo budista, representando além da religião, os antepassados da nossa família. Cada núcleo familiar tem um templo, e segue as tradições que a religião mantém. Como oferecer arroz, manter com flores bem cuidadas e acender velas.



JULIA COM SEU AFILHADO ALEXANDRO KIMURA

Julia além de madrinha, era como se fosse uma mãe para Alexandro. Mesmo que ele tenha se mudado para uma cidade a 1500km de distância, os dois se faziam presentes de alguma forma. Essa foi a última foto que tiraram juntos, quando Julia viajou para Vitória no Espírito Santo e comemorou junto do afilhado, seu aniversário de 45 anos.



PENDENTE ESTAMPADO NO LADRILHO DA CASA DE JULIA

Esse pendente de flores, foi escolhido a dedo por ela. Essa casa foi a materialização não só de um sonho, mas de muitos anos de trabalho duro e um esforço quase que incansável para conquistar tudo sozinha. O apego transcende o material, e se transforma em afetivo.



Após realizar toda a diagramação dos relatos, ilustrações e cartas, é realizado protótipos em tamanho real, impressos em papel. Para melhor visualização de formato, tipografia e definindo os tamanho e configurações. Como o miolo usar como suporte o tecido, é necessário também considerar a diferença no tamanho dos vincos, entre tecido e papel.

Gotham Bold no título

Gotham Light Regular

Gotham Book na introdução

Avenir Light Oblique nos relatos

Avenir Light nos nomes dos relatos





para minha Batian Julia Satie Miyamoto.
minha pessoa no mundo, meu coração.

introdução

A coluna cansada e quase nunca ereta, no encosto do sofá gasto. Os pés esticados na banquetela, seguidos de uma bacia no colo cheia de ponkans. Eram sempre meia dúzia e algumas vezes, quase uma. Os dedos grossos e inchados, a unha comprida arredondada, as manchas no dorso da mão e a pele macia que acariciava o meu rosto estampando o cheiro de uma bacia já quase vazia.

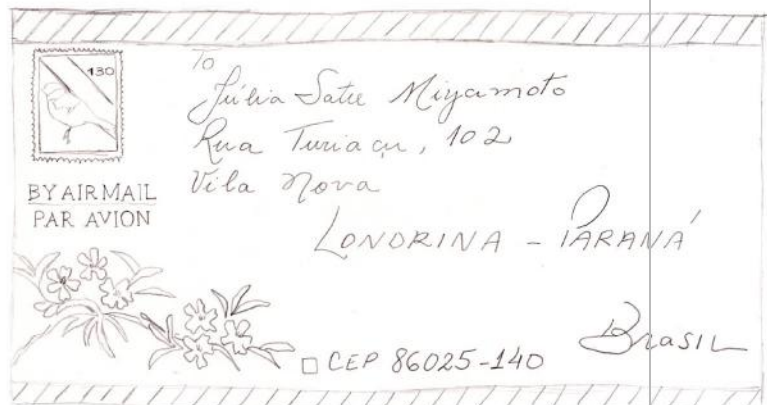
Ponkan não é um uma narrativa com começo, meio e fim. Não descreve o meu luto, não contempla o contraste entre vida e morte, tampouco representa a tristeza. Uma vez costureira, e outra acupunturista, Julia Satie Miyamoto percorreu nesses 77 anos, um caminho muitas vezes árduo, mas nunca só.

O projeto reúne memórias afetivas costuradas pelas mãos de muitos, todos esses que vieram antes dela, os que vieram depois e todos os que ela mesma criou. Muito além de uma homenagem, esse trabalho de conclusão conta sobre coisas que vão embora, mas vivem para sempre.

com amor, Fernanda Miyamoto.

"Sempre a vi como uma pessoa muito forte, muito parecida com a minha mãe. Falar da Ká, é falar da minha vida também, pois a sua presença na minha formação foi muito importante, acho que é difícil separar algo que já faz parte da gente."

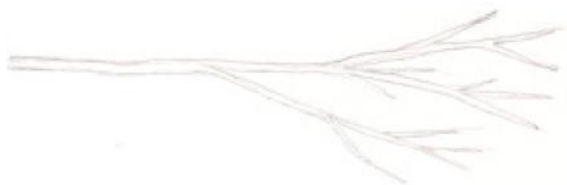
MAURÍCIO AZUMA
sobrinho e afilhado



“Ela representou na verdadeira acepção da palavra a família Yamaguti em toda plenitude, tanto na parte social familiar como perante a sociedade, com seu trabalho incansável em prol da sociedade. Minha vida se funde com a da Sá, pois tive a sorte de ter tido nela o exemplo e inspiração para tornar-me uma pessoa melhor a cada dia.”

MARIO TOMOHIRO YAMAGUTI irmão



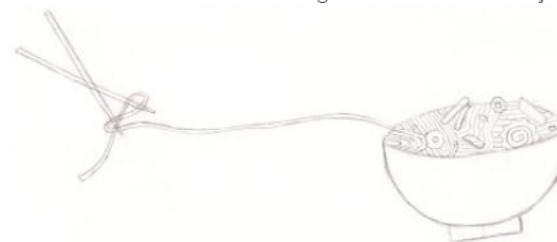


“A dona Julia era uma líder comunitária, participando das reuniões de combate à dengue, e também de outras reuniões acerca dos problemas da saúde, das carências que os moradores do bairro possuíam. Sempre admirei o seu vigor, a sua disposição, dedicação, simplicidade e o seu compromisso social. Tinha por ela o maior respeito. A maior admiração.”

PASTOR CARLOS XAVIER amigo

“Olha, eu vou falar a verdade. Eu gostava dela, eu continuo gostando. Dela eu não esqueço não. Ela vai estar sempre no meu coração. Eu tenho amor por ela sabe. Ela pra mim foi tudo. Eu não frequentava a casa dela, eu nunca ia comer junto com ela, mas eu tinha um amor que você nem imagina.”

ALBERTO TSUKASA IKEDA
melhor amigo e irmão do coração





"A dona Julia, para nós, foi uma pessoa que transmitiu tranquilidade, serenidade, especialmente transmitiu sabedoria. Era uma pessoa que não media esforços, muitas vezes apesar da saúde e tudo. Mas ela estava sempre presente."

MAURÍCIO BARROS amizade de 30 anos

"Ela era muito solidária, corria atrás de tudo que poderia ser benéfico para a comunidade e as pessoas que faziam parte do seu convívio. Tia Julia ou Ká, como a chamávamos. Ká é diminutivo de Katian: Mãe em japonês. Isso já dizia tudo."

WALTER HIDEAKI AZUMA sobrinho



A Dinha nasceu com um dom de agregar pessoas e entender o sentimento por trás das ações: Empatia. Esta característica a tornava muito humana, preocupada e intensa. Uma lição dela que trago para minha vida é o exemplo diante das mais diversas adversidades: manter-se firme e ser responsável pelos seus pais, filhos e netos.

ALEXANDRO K. KIMURA
sobrinho e afilhado

*"Ela existia em coisas grandiosas.
Minha Batian ocupava espaços.
Inundava tudo."*

FERNANDA MYAMOTO neta



PROTÓTIPO EM PAPEL DOS DOIS LADOS DO LIVRO





A transferência da ilustração para o tecido pode ser realizada de várias formas. Realizei testes com papel carbono para tecido, porém a lavagem e textura do algodão cru, fez com que a tinta não aderisse, manchando a superfície. Testei riscos com um lápis 3B, sobrepondo o tecido ao desenho no papel offset, mas ao passar a linha de bordado, o grafite também danificava o bordado, manchando-o.

A melhor opção encontrada, foi sobrepor o tecido a ilustração no impressa no offset, e com a ajuda de uma mesa de luz, ir riscando o desenho com uma caneta “fantasminha”. Essa sendo utilizada especificamente para marcações em tecidos, e que ao entrara em contato com o calor, o pigmento se apaga. Uma alternativa que facilita muito esse processo, é realizar a marcação do desenho impresso com uma caneta nanquim de espessura 0.5, melhorando a visibilidade dos traços no papel.

A parte tipográfica, impressa inteiramente em transfer. Técnica de estamperia, aonde o texto é impresso espelhado, com impressora a laser ou jato de tinta. O papel é posicionado no tecido, e fixado através do calor com um ferro de passar ou uma prensa.

6. resultado final

PONKAN

sobre o que vai

PONKAN

sobre o que fica

fernanda myamoto



sobre o que va







Miyamoto
102 - 217a
una - Pe

MUNICH
MUNICH
MUNICH
MUNICH

MUNICH
MUNICH
MUNICH
MUNICH



Paraná
Paraná - Pe



AIR MAIL

Paraná
Paraná - Pe

Paraná

Paraná
Paraná - Pe

Paraná

Paraná
Paraná - Pe

Paraná

Paraná
Paraná - Pe
BRASIL - PARANÁ
BRASIL



para minha Batian Julia Satie Miyamoto.
minha pessoa no mundo, meu coração.

A coluna cansada e quase nunca ereta, no encosto do sofá gasto. Os pés esticados na banquetela, seguidos de uma bacia no colo cheia de ponkan. Eram sempre meia dúzia e algumas vezes, quase uma. Os dedos grossos e inchados, a unha comprida arredondada, as manchas no dorso da mão e a pele macia que acariciava o meu rosto estampando o cheiro de uma boca já quase seca.

Ponkan não é um uma narrativa com começo, meio e fim. Não descreve o meu luto, não contempla o contraste entre vida e morte, tampouco representa a tristeza. Uma vez costureira, e outra acupunturista, Julia Satie Miyamoto percorreu, nesses 77 anos, um caminho muitas vezes árduo, mas nunca só.

O projeto reúne memórias afetivas costuradas pelas mãos de muitos, todos esses que vieram antes dela, os que vieram depois e todos os que ela mesma criou. Muito além de uma homenagem, esse trabalho de conclusão conta sobre coisas que vão embora, mas vivem para sempre,

com amor, Fernanda Miyamoto.

"Sempre a vi como uma pessoa muito forte, muito parecida com a minha mãe. Falar da Ká, é falar da minha vida também, pois a sua presença na minha formação foi muito importante, acho que é difícil separar algo que já faz parte de gente."

MAURÍCIO AZEVEDO
sobrinho e atilhado



"Ela representou na verdadeira acepção da palavra a família Yamaguti em toda plenitude, tanto na parte social familiar como perante a sociedade, com seu trabalho incansável em prol da sociedade. Minha vida se funde com a da Sã, pois tive a sorte de ter tido nela o exemplo e inspiração para tornar-me uma pessoa melhor a cada dia."

MARIO TOMOHIRO YAMAGUTI irmão





"A dona Julia era uma líder comunitária, participando das reuniões de combate à dengue, e também de outras reuniões acerca dos problemas da saúde, das carências que os moradores do bairro possuíam. Sempre admirei o seu vigor, a sua disposição, dedicação, simplicidade e o seu compromisso social. Tinha por ela o maior respeito. A maior admiração."

PASTOR CARLOS XAVIER amigo

"Olha, eu vou falar a verdade. Eu gostava dela, eu continuo gostando. Dela eu não esqueço não. Ela vai estar sempre no meu coração. Eu tenho amor por ela sabe. Ela pra mim foi tudo. Eu não frequentava a casa dela, eu nunca ia comer junto com ela, mas eu tinha um amor que você nem imagina."

ALBERTO TSUKASA IKEDA
melhor amigo e irmão do coração





"A dona Julia, para nós, foi uma pessoa que transmitiu tranquilidade, serenidade, especialmente transmitiu sabedoria. Era uma pessoa que não media esforços, muitas vezes apesar da saúde e tudo. Mas ela estava sempre presente."

MAURÍCIO BARROS amizade de 30 anos

"Ela era muito solidária, corria atrás de tudo que poderia ser benéfico para a comunidade e as pessoas que faziam parte do seu convívio. Tia Julia ou Kã, como a chamávamos. Kã é diminutivo de Katian. Mãe em japonês. Isso já dizia tudo."

WALTER HIDEAKI AZUMA sobrinho



"A Dinha nasceu com um dom de agregar pessoas e entender o sentimento por trás das ações: Empatia. Esta característica a tornava muito humana, preocupada e intensa. Uma lição dela que trago para minha vida é o exemplo diante das mais diversas adversidades: manter-se firme e ser responsável pelos seus pais, filhos e netos."

ALEXANDRO K. KIMURA
sobrinho e afilhado

"Ela existia em coisas grandiosas.
Minha Bafian ocupava espaços.
Inundava tudo."

FERNANDA MIYAMOTO neta



To:-

Julia Sadi M

Qua Siriacu

86025-170 - Lond

Bioze

by air mail

*Amato
ao - Nova
una - Pa*



AIR MAIL

Il debitor contiene foto

VIA AIR MAIL

*To Julia & M
in Toronto
file for
copy book*

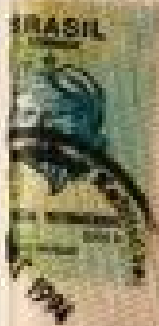
Yonohito
No. 2



Londino. It
Brasil
↙

To
JULIA SATO MIYAMOTO
A/C GLADYS SAYURI ARAO
SANTOJA HEN TAM-CHI
SAGAMI 5-9-9
DATIONI HAKIMARA 203
7335
JAPAN





₺ 860

Julia satie mü
RUA TURIA CU 102

VILA NOVA LONDR
PARANA BRAS

AIR

25-170

la nota

NA

L

MAIL

Sea

JULIA SATIE MIYAMOTO

RUA TURMASÚ - 102 - ESQ. A JUVENÁ -

LONDRINA - PARANÁ - BRASIL

CEP - 86025

VIA AIR MAIL

23/8/91





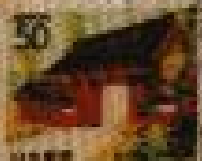
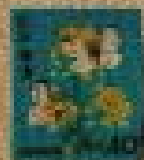
NOVA

BY AIR MAIL

To 
Julia Satie Mizumoto
Rua: Senador, 302 - V. Nova
86025-170 - Londrina - PR

Brazil

7/21



TO

JULIA SACIE MIYAMOTO

Rua TURIACU 102

CAVALO VERDE, A.

AR. MA. BRASIL

C.S. 36025-170

AIR MAIL TOKYO 070

JAPAN NEMIMA KU

HAYAMIYA # 27-2611 NYUTIDAZ-107

NO VE NORI KO

〒 527-0001 (Kobe) # 2 323

6079

4U



BY AIR MAIL
PAR AVION

To
Julia Sate Miyamoto
Rua Tucuru, 102
Vila Nova

LONDRINA - PARANÁ

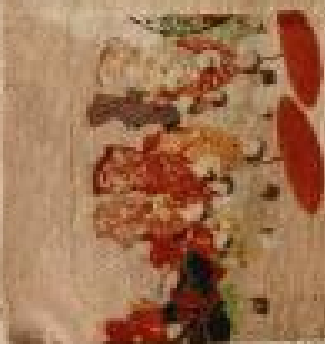
COF 86025-140

BRASIL

PONKAN

sobre o que fica

fernanda myamoto



₹ 860

Julia satie m^u
RUA TURIA CU 102^o

VILA NOVA LONDR
PARANA BRAS
AIR

PONKAN

sobre o que vai



promete
do 4/ma
ano - Pe

AIR MAIL

Admission uniform 500

1921-22
1922-23
1923-24
1924-25

1925-26

1926-27
1927-28
1928-29
1929-30

1930-31

1931-32
1932-33
1933-34
1934-35

1935-36

1936-37
1937-38
1938-39
1939-40

BRASIL - PARANÁ

BRASIL





para minha Batian Julia Satie Miyamoto,
minha pessoa no mundo, meu coração.

...sua acepção
...uti em toda
...ocial familiar
...com seu tra-
...a sociedade.
...da Sá, pois
...o exemplo
...uma pessoa



...ção



"A dona Julia, para nós, foi uma pessoa que transmitiu tranquilidade, serenidade, especialmente transmitiu sabedoria. Era uma pessoa que não media esforços, muitas vezes apesar da saúde e tudo. Mas ela estava sempre presente."

MAURÍCIO BARROS amizade de 30 anos

"Ela era muito solidária, corria atrás de tudo que poderia ser benéfico para a comunidade e as pessoas que faziam parte do seu convívio. Tia Julia ou Ká, como a chamávamos. Ká é diminutivo de Katien: Mãe em japonês. Isso já dizia tudo."

WALTER HIDEAKI AZUMA sobrinho

CONCLUSÃO

Ainda que esse trabalho não seja sobre a tristeza, e sim sobre memórias e afetos, a saudade foi estampada em cada parte de todo o processo. Durante a pesquisa, com a leitura de cartas e relatos, ao ilustrar os bordados e os nós de arremate em cada linha. Reunir tanta gente para falar apenas de uma, foi reforçar a existência plural da minha Batian Julia Miyamoto. A grandiosidade de toda a sua vida que não cabem nesses 77 anos.

Desenvolver esse projeto, foi uma experiência única e muito crua. Escancarou os ciclos, acontecimentos, o que se acaba e se renova. Me ensinou que lidar com a morte pode ser menos dolorido, quando se compartilha. Me auxiliou no processo de luto, e me fez ainda mais imersa em todos os sentidos, em estar projetando essa ideia na casa aonde morei a maior parte da vida com a minha Batian.

Ponkan para mim foi um despertar de possibilidades no design, uma afirmação de que é tão possível unir a minha vida acadêmica e todos seus ensinamentos, com aprendizados tão enraizados em mim desde pequena.

E por fim, ter o privilégio de entrelaçar minhas ideias com referências culturais tão ricas, de países extremamente distintos como o Brasil e o Japão. Tendo o processo artesanal como pilar e protagonista em todas as etapas desse projeto.

BIBLIOGRAFIA

BRAGA, Marcos da Costa. O papel social do design gráfico: Histórias, Conceitos e Atuação Profissional. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

LUPTON, Ellen. A produção de um livro independente: um guia para autores, artistas e designers. São Paulo: Edições Rosari, 2011.

LINDEN, Sophie Van der. Para ler o livro ilustrado. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2011.

SNO, Márcio. O universo paralelo dos zines. São Paulo: TimoZine, 2015.

LUPTON, Ellen. A produção de um livro independente Indie Publishing: um guia para autores, artistas e designers. São Paulo: Edições Rosari, 2011.

CARVALHO, Monica. Artesanato sustentável: natureza, design e arte / Monica Carvalho. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2018.

MAGALHÃES, Aloísio. Bens culturais do Brasil: um desenho projetivo para a nação / Aloísio Magalhães; organizador João de Souza Leite. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

BORGES, Adélia. Design + Artesanato: O caminho brasileiro. São Paulo : Terceiro Nome, 2012.

BRISCOE, Susan. The Ultimate Sashiko Sourcebook: Patterns, Projects and Inspirations. UK: David & Charles, 2016.

ARTESANATO BRASILEIRO <<http://www.artesanatobrasileiro.gov.br>> Acesso em 4 de agosto de 2020.

JAPAN HOUSE SÃO PAULO <<https://www.japanhousesp.com.br>> Acesso em 6 de agosto de 2020.

CRAB SEBRAE <<http://www.crab.sebrae.com.br>> Acesso em 7 de agosto de 2020.

REDE ASTA <<https://www.redeasta.com.br>> Acesso em 27 de agosto de 2020.

MUSEU DO PONTAL <<http://www.museucasadopontal.com.br>> Acesso em 27 de agosto de 2020.

DESIGN + ARTESANATO: O Caminho Brasileiro, Adélia Borges. <https://books.google.com.br/books?id=3sqDDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&pli=1&auth=owcDoS9iHAW1Rsp3lm-6b19lWdTDMbvRtsyexoLFilVjrf6DHj_m5YsgHmQllf734teKWug.#v=onepage&q&f=true> Acesso em 27 de agosto de 2020.

SASHIKO EMBROIDERY <<https://blog.treasure.com/sashiko-embroidery/>> Acesso em 30 de agosto de 2020.

MOMA <<https://www.moma.org/>> Acesso em 2 de setembro de 2020.

ARTESOL <<https://www.artesol.org.br>> Acesso em 2 de setembro de 2020.

ENTREVISTA

Artesanato // com Maíra Fonte e Monica Carvalho. <<https://www.youtube.com/watch?v=fAjJKaliJms>> Acesso em 10 de agosto de 2020.

Casos de sucesso. <<https://www.youtube.com/watch?v=dIU7ctRelzU>> Acesso em 10 de agosto de 2020.

Ronaldo Fraga no Voz Ativa <<https://www.youtube.com/watch?v=5nNMCnjvb-CI>> Acesso em 4 de outubro de 2020.